

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – IEL

**“O PÃO DA DOR E O VINHO DA MISÉRIA” – O
BANQUETE DA EXISTÊNCIA, DE JÓ A BRÁS CUBAS**

Dissertação de Mestrado

Claudinei Maria

Prof.^a Dr.^a Vera Maria Chalmers (Orientadora)

CAMPINAS

Fevereiro de 2007

Claudinei Maria

**“O PÃO DA DOR E O VINHO DA MISÉRIA” – O BANQUETE
DA EXISTÊNCIA, DE JÓ A BRÁS CUBAS**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Comissão de Pós-Graduação do Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre
em Teoria e História Literária.

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Vera Maria Chalmers**

Fevereiro de 2007

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA:	TIUNICAMP
	M337p
V. _____	Ed. _____
TOMBO BC/	78917
PROC.	16.115.07
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	03/04/07
BIB-ID	406686

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

M337p Maria, Claudinei.
 “O pão da dor e o vinho da miséria” – o banquete da existência, de Jó a Brás Cubas / Claudinei Maria. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Vera Maria Chalmers.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura brasileira. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. 3. Bíblia. I. Chalmers, Vera Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: “The bread of pain and the wine of misery” – the banquet of existence, from Job to Brás Cubas.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Brazilian literature, Assis, Machado de, 1839-1908; Bible.

Área de concentração: Teoria Crítica e Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Vera Maria Chalmers (orientadora), Profa. Dra. Tereza Moraes, Profa. Dra. Lúcia Granja, Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber (suplente) e Prof. Dr. Haquira Osakabe (suplente).

Data da defesa: 16/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vera Maria Chalmers – Orientadora
Universidade Estadual de Campinas – IEL

Prof.^a Dr.^a Tereza de Moraes (titular)
Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Puccamp

Prof.^a Dr.^a Lúcia Granja (titular)
UNESP – Ibilce – São José do Rio Preto

Prof.^a Dr.^a Suzi Frankl Sperber (suplente)
Universidade Estadual de Campinas – IEL

Prof. Dr. Haquira Osakabe (suplente)
Universidade Estadual de Campinas – IEL

*Aos meus Três do céu: o Pai, o Filho e o Espírito;
Aos meus três da terra: Solange, Gabriel e Lucas.*

AGRADECIMENTOS

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho:

Solange, minha grande incentivadora;

Prof. Carlos Aquino Pereira, em cuja aula, há muitos anos, me veio a inspiração;

Prof. Haquira Osakabe, quem primeiro ouviu a idéia e deu o sinal verde para que se transformasse em projeto;

Prof.^a Vera Chalmers, minha orientadora, que acreditou em mim e quebrou setas ao defender a validade do meu projeto;

Frei Walter de Carvalho Júnior, meu amigo franciscano, que generosamente leu e revisou o meu texto;

A banca examinadora, pelas valiosas contribuições, anteriormente e no momento de minha qualificação;

Os colegas co-orientandos, João Ribeiro Neto e Simone Válio, pelos momentos passados em classe e os incentivos mútuos;

Nelson Samuel Porto Veratti e Elvis Brassaroto Aleixo, pelas caronas, partilhas e amizade consolidada;

Emérito Prof. John Gledson, pelo acompanhamento, troca de correspondências, permuta de idéias e apoio;

Prof. Alfredo Bosi, pelo maravilhoso curso sobre Machado de Assis, na USP, a que assisti como ouvinte;

Presidente, Diretores e colegas da Câmara Municipal de Jundiaí, onde trabalho, pela compreensão e flexibilização do meu horário;

Prof.^a Tereza de Moraes, que acolheu com tanta generosidade e entusiasmo o meu convite para compor a banca;

Funcionários da Biblioteca do IEL e da Secretaria de Pós-Graduação pela paciência e auxílio;

Machado de Assis, pela sua vida inspiradora e obra imortal; e, enfim, mas acima de tudo,

Deus, que a todos dá vida, respiração e todas as coisas (Atos

17, 25b).

RESUMO

Este trabalho é uma leitura das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, sob a perspectiva bíblica, sem, necessariamente, fazer um exaustivo inventário das citações da Bíblia na obra machadiana, mas procurando encontrar um fio condutor na narrativa que justificaria, por exemplo, a presença do hipopótamo o capítulo VII, “O delírio”, e as “rabugens de pessimismo” do autor, a partir dos livros de Jó e Eclesiastes.

Palavras-chave: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Bíblia. Jó. Eclesiastes.

ABSTRACT

This thesis is a reading of *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*) from a biblical perspective. It does not necessarily undertake an exhaustive inventory of the biblical quotations in Machado's work, but it does attempt to find a common thread in the narrative, which might explain, for example, the presence of the hippopotamus in Chapter 7 ("The Delirium"), and the "ill-humoured pessimism" of the author, by reference to the books of Job and Ecclesiastes.

Key words: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*). Bible. Job. Ecclesiastes.

SUMÁRIO

Introdução _____	9
Capítulo 1 – No princípio, era uma idéia ... _____	12
Capítulo 2 – Era uma vez um livro ... _____	25
Capítulo 3 – A paixão impaciente de Jó _____	34
Capítulo 4 – O sopro oracular de Eclesiastes _____	50
Capítulo 5 – Penas e tintas _____	63
Conclusão _____	77
Referências _____	79

Introdução –

*O que foi, será
e o que se fez, se tornará a fazer:
nada há de novo debaixo do sol! (Eclesiastes 1,9)*

Algo que sempre chamou minha atenção nas obras de Machado de Assis foi, além do número expressivo de citações bíblicas, antes, o contexto em que elas apareciam – muitas vezes os mais diversos e inusitados. Dos romances machadianos, o que mais acentua esse impacto e estranhamento, como também as afinidades e imbricamentos, é precisamente *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (MPBC). Terei ocasião de demonstrar isso adiante, ao trazer alguns exemplos desses usos. Paira no ar, entretanto, a pergunta: o que faz das *Memórias Póstumas* uma obra, digamos, inaugural, nesse sentido? Sem dúvida, a original especificidade de seu autor e o modo como constrói a narrativa.

Devo dizer que esta é uma leitura sem grandes pretensões acadêmicas, é verdade, e não pretendo enveredar para o âmbito das discussões religiosas ou teológicas – porque acredito que isso não interessava também a Machado –, mas apenas me concentrar no que, como leitor da Bíblia e como leitor de Machado, pude captar daquelas aproximações.

É um esclarecimento que aqui se faz necessário: antes de iniciar a redação deste trabalho, hesitei quanto à abordagem que daria ao espinhoso assunto da autoria do romance, se de Brás Cubas ou de Machado. Como resultaria complexo e repleto de armadilhas tratar dos dois concomitantemente, obrigando-me a passar continuamente de um a outro, resolvi simplificar. Por essa razão, Brás Cubas se apresenta como autor; quase nada sendo dito sobre seu criador, Machado de Assis.

Uma coisa, porém, é certa: o conhecimento bíblico demonstrado pelo autor ficcional Brás Cubas e a habilidade na sua utilização para a construção narrativa refletem essas mesmas qualidades no seu criador Machado de Assis. Talvez eu não esteja dizendo nenhuma novidade nesse ponto – refletindo na prática o dizer do Eclesiastes, transcrito na epígrafe acima –, porquanto isso já foi notado por grandes estudiosos machadianos. Contudo, acredito que minha contribuição

nesse sentido tenha o seu mérito e originalidade, porque me debrucei sobre as ocorrências bíblicas nas MPBC, tentando traçar o arco que vai dos seus contextos originais aos criados pela narrativa machadiana. Espero que as passagens examinadas, ainda que por amostragem, sejam suficientes para sustentar essa argumentação.

Um pouco mais complicado será, todavia, contextualizar o uso das passagens bíblicas na narrativa das MPBC – principalmente aquelas feitas de forma insólita, inusitada, completamente alheias à tradição exegética – sem cair na questão do intencionalismo do autor. Não hesito, contudo, em dizer que não acredito que Brás Cubas se utilize das Escrituras para chocar o leitor, gratuitamente. Também não para afrontar os espíritos religiosos. Talvez as use para demonstrar uma arraigada imanência de tudo, querendo dizer que não há espaço ou separação entre o banal e o sublime, não há o âmbito do sagrado e não há o do profano, nada que seja inefável, como também nada que o deixe de ser – tudo é matéria de vida, como tudo é matéria de ficção.

Assim, Brás Cubas faz uso particularíssimo, incomum, das citações bíblicas. O seu próprio “status” de defunto-autor o autoriza a ser inusitado e alheio a todos os cânones. Ao longo das páginas seguintes irá se delineando essa figura atípica, assim o espero, ao nos deixarmos guiar pelas provocações e despropósitos de sua narrativa, com os costumeiros saltos e cabriolas característicos de seu inconfundível estilo.

A par disso tudo, isto é, das ocorrências pontuais das citações, eu fui percebendo, a cada nova leitura das MPBC, um certo “espírito” de fundo, no que tange às grandes questões da humanidade, que me levou a aproximações mais estreitas com dois livros bíblicos especificamente: Jó e Eclesiastes, onde essas questões são tratadas de maneira mais direta, numa abordagem bastante original e atípica. Por essa razão dediquei, neste trabalho, um capítulo para cada um daqueles livros, respectivamente.

Por se tratar de uma dissertação de mestrado, tive que restringir o leque dos meus apontamentos, selecionando passagens e escolhendo exemplos segundo as prioridades que o tema impõe. Muita coisa elencada e os

respectivos comentários foram, por isso, deixados de lado, quem sabe, para uso em futuros trabalhos de maior fôlego. Espero, no entanto, que o meu particular critério de seleção não tenha prejudicado o oferecimento de uma panorâmica bem equilibrada sobre a temática proposta.

Para finalizar, resta ainda um esclarecimento prático e simplificador: as citações e referências bíblicas aqui usadas são da edição brasileira da Bíblia de Jerusalém, pela Paulus. Quando forem utilizadas outras versões, essas serão citadas nominalmente.

Capítulo 1 –

No princípio, era uma idéia...

Tudo começou em 1989, quando cursava o último ano de Letras na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Nas aulas de Literatura Brasileira, meu professor, Carlos de Aquino Pereira, ao discorrer sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, deteve-se no capítulo VII – o delírio – e fez algumas considerações sobre a dificuldade entre os críticos literários, até então, de decifrar, no relato, a presença do hipopótamo.

Foi aí que achei o “fio de Ariadne”, mas não ousei entrar no labirinto. Meu cérebro, à semelhança de Brás Cubas, começou a dar cabriolas, pois reconheceu que aquele animal já tinha aparecido em algum texto lido no passado e que ali poderia estar a chave do enigma.

Imediatamente se fez a luz! E se minha memória não estivesse me traindo, era no livro de Jó, da Bíblia, que o hipopótamo era descrito. Mais tarde, ao vasculhar as páginas desse livro, encontrei o que procurava.

Então, *a minha idéia constituíra-se idéia fixa* (MPBC IV). Comecei, pois, a puxar o fio e a cada novo puxão fui encontrando elementos que foram me convencendo de uma possibilidade: Machado de Assis era um grande leitor da Bíblia. Não somente isso, mas um ameador de citações e, ainda, um artífice que amalgamava em seus textos o que havia haurido dessas leituras, urdindo a tessitura de suas narrativas, como já preconizava o velho Aristóteles.

Nada disso, todavia, impediu que a idéia ficasse guardada numa cuba, por anos, quem sabe fermentando ou tomando corpo?

Somente em 2003 resolvi testar se a idéia era viável ou não passava de um delírio de juventude. Pesquisei e levantei bibliografia machadiana, à procura de obra correlata, seja no sentido de desqualificar meu intento, por absurdo, seja no de, por primazia temporal, ter se adiantado ao meu. Um título, em especial, chamou-me a atenção: “Machado de Assis e o hipopótamo”, de Gondin da Fonseca¹. Antes de qualquer iniciativa, havia que ler tal obra. Ao fazê-lo, pude constatar que a

¹ FONSECA, Gondin da. Machado de Assis e o hipopótamo. São Paulo, Editora Fulgor, 1961.

abordagem diferia substancialmente da que eu pretendia encetar. O autor enveredava por interpretações psicanalíticas ortodoxas, bem calcadas nas teorias sexuais de Freud, procurando encontrar, por meio da biografia de Machado, elementos que confirmassem suas pretensões. Assim, o hipopótamo viu-se reduzido a símbolo fálico ou paterno, no contexto de uma descrição da cópula dos genitores de Brás/Machado, refletindo aí todos os complexos de violência, rejeição, discriminação e seus desdobramentos.

Logicamente que isso não invalidava minha idéia, porquanto nossos pontos de partida divergiam. Com esses sentimentos, fui atrás dos meios usuais para desenvolver o que aqui vai descrito.

Pois bem, tudo tem uma gênese e tudo tem o seu fim: a Bíblia inicia-se com o conhecido versículo *No princípio, Deus criou o céu e a terra* (Gênesis 1,1); o Novo Testamento da Bíblia cristã contém, entre seus primeiros 4 livros, o Evangelho de São João, que assim se inicia: *No princípio era o Verbo* (João 1,1). Por pouco, Brás Cubas não inicia sua narrativa com um “*No princípio, era uma idéia*”. Até que não ficaria tão mal, vez que ele começa suas memórias pelos últimos períodos de via terrestre, época em que lhe nasceu a idéia fixa. Mas aí ficaria patente o seu débito para com a Bíblia e o autor – esse autor – não pode ficar subserviente à convenção, nem que esta tenha sido seguida por aquela: o que importa é o escrito *mais galante e mais novo*, contrariando Moisés, e tornando sua obra radicalmente diferente do Pentateuco (MPBC I).

Aí se nota já com quem estamos lidando – um autor nada convencional, dada a sua natureza de defunto autor e à sua outra característica, que aparecerá no capítulo II: a sede de nomeada, o amor da glória. Isto é, não se está diante de um sujeito qualquer: trata-se de alguém superior a Moisés, o grande legislador do Antigo Testamento, ainda que seja apenas no estilo de sua composição literária.

Mas não caiamos logo no julgamento do nosso autor. Acusá-lo de arrogância? Não. Ele próprio, no seu prólogo ao leitor, diz: *O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte, e quando muito dez. Dez? Talvez cinco.* Aqui, o autor lembra a figura do humilde Abraão, em Gênesis 18, 22-32, a interceder junto a Deus em favor

dos moradores de Sodoma, ameaçados pela iminente destruição da cidade. Lá, o patriarca regateia, argumentando sobre a possibilidade de justos serem exterminados com pecadores, passando de 50, 50 menos 5, 40, 30, 20 e, finalmente 10, e ouve de Deus a promessa de que, se na cidade houvesse apenas 10 justos, Ele não a destruiria. Brás se contenta com 5 – 5 leitores justificam a razão de escrever suas memórias.

E a quem são dedicadas essas memórias? A Virgília? a Quincas Borba? ao ancestral Cubas famoso? Não. *Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver.* Ao verme que prestou um grande serviço à humanidade e ao próprio Brás: consumir a matéria inerte de um cadáver. Mas sob a fleuma dessa sarcástica e tétrica dedicatória, sentimos pulsarem incontidas emoções: é ao verme que primeiro roeu, isto é, ao verme ávido, voraz, servo do instinto, célere, que Brás dedica como saudosa lembrança as memórias póstumas. Brás homenageia o ser que se encarregou de destruir os últimos vestígios de sua existência terrestre, seu corpo, e o faz com saudade, com empatia e gratidão.

E a que fim Cubas dedica ao verme sua narrativa? Será que, enfim, aquele que lhe consumiu as frias carnes lhe consuma também as memórias, até que não reste a mínima lembrança de sua existência? A maneira como está formulada a dedicatória sugere que aí esteja a verdadeira intenção do autor.

Verme. Neste substantivo também encontro laços bíblicos. Não é todo dia que alguém dialoga com um ser tão asqueroso e vil, muito menos elogiando-o e lhe prestando homenagem. Na Bíblia, o termo, no singular, aparece umas 6 vezes; no plural, outro tanto, e é justamente no livro de Jó que encontramos:

Digo à cova: "Tu és meu pai!";

ao verme: "Tu és minha mãe e minha irmã!" (Jó 17, 14)

Jó, desesperado com sua situação de penúria e sofrimento, saúda a morte em termos poéticos e acrescenta:

Pois onde, onde então, está minha esperança?

Minha felicidade, quem a viu?

Descerão comigo ao Xeol,

baixaremos juntos ao pó? (Jó 17, 15-16)

Xeol, para os antigos hebreus, era o reino ou mansão dos mortos, para onde vão todos os seres humanos em condição larval, como sombras ou espectros, sem sentimentos nem sensações, desprovidos de lembranças e de emoções. O sepulcro reúne, pois, Jó e Brás Cubas, ainda que este último esteja em vantagem em relação ao primeiro, porquanto, do lado de lá, conserva suas lembranças e perpetua seu nome ao no-las transmitir.

Ainda uma última palavra sobre essa criatura. Em outras acepções bíblicas, o termo se refere a um castigo eterno, aparecendo no profeta Isaías 66, 24: *Eles sairão para ver os cadáveres dos homens que se rebelaram contra mim, porque o seu verme não morrerá e o seu fogo não se apagará: eles serão uma abominação para toda a carne*, e também no livro do Eclesiástico 7, 17: *Humilha-te profundamente, porque a punição do ímpio é o fogo e o verme*, retomado depois no Novo Testamento, no Evangelho de Marcos 9, 42-48, na boca de Jesus, que, ao falar sobre os escândalos e quem os comete, assevera que é melhor entrar mutilado, com apenas uma mão, um pé ou um olho, na Vida ou no Reino de Deus, do que, tendo os dois membros, *ser atirado na geena², onde o verme não morre e onde o fogo não se extingue*.

Nas Memórias esse último aspecto não aparece, pois, como veremos, lá não há julgamento nem castigo e Brás Cubas, como o autor de Eclesiastes, se ocupa apenas do que existe sob o sol, isto é, neste mundo. Podemos ver aí também um traço da modernidade lançada pelo autor sobre as Escrituras: Brás Cubas lê a Bíblia com um olhar puramente existencial, imanente, despojado de implicações religiosas, ou mesmo morais; limita-se a citá-la quando corrobora uma sua opinião, uma vivência, uma analogia. A autoridade que a Bíblia possa ter para ele é a que deriva das passagens onde encontra ressonância de visão de mundo, ou as que lhe proporcionam matéria para a criação narrativa. O verme surge, então, como um companheiro, auxiliar, benfeitor, e não como verdugo cumpridor de sentença punitiva. A morte parece mais um prêmio – a libertação do verdadeiro castigo, que é o de viver -, como, ao longo de nosso percurso, poderemos acentuar.

² Geena, originalmente, era um vale em Jerusalém que servia como uma espécie de aterro sanitário, onde o lixo era continuamente queimado. Jesus o usou como metáfora do que se tornou, posteriormente, a concepção cristã do inferno.

E como morreu o nosso ilustre finado? De uma pneumonia, numa sexta-feira (*dia aziago*), às duas horas da tarde. Por pouco não vemos aqui uma encenação da Paixão de Cristo – este morreu numa sexta-feira, à hora nona, isto é, três da tarde. No Rio de Janeiro chovia. Em Jerusalém espessas trevas cobriram o céu (Marcos 14, 33; Lucas 23, 44-45). Brás Cubas foi acompanhado ao cemitério por onze amigos. A Jesus restaram-lhe onze discípulos, após o suicídio de Judas Iscariotes, mas no Calvário restou apenas um, João, juntamente com as mulheres: Maria, a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas e Maria Madalena (João 19, 25). À morte de Brás assistiram também três mulheres: *a irmã Sabina, casada com o Cotrim – a filha, um lírio do vale, - e...*(MPBC 1), e Virgília, como ficaremos sabendo mais tarde.

E não é somente o momento da morte que aproxima os dois personagens, Brás Cubas (BC) e Jesus Cristo (JC), é o *post-mortem* que o faz ainda mais: nele, os dois assumem definitivamente uma condição supra-humana: Brás Cubas se torna o defunto-*autor* e Jesus Cristo se assenta à direita de seu Pai, como a Segunda Pessoa da Trindade Divina, “donde há de vir a julgar os vivos e os mortos”, como reza o Credo. Assim, é a palavra, tanto o Verbo de Deus, quanto o verbo do homem, que dá a resposta final.

Mas as semelhanças terminam aí, pois, como criadores, seus movimentos progridem em direções opostas: Deus, ao criar, chama todas as coisas à existência a partir do nada (“*ex nihilo*”) e seu poder, como veremos em Jó, reside justamente neste ponto; Brás Cubas, por seu turno, ao criar a sua narrativa, vai construindo-a como que arrastado por correntes subterrâneas até o vórtice do vazio, do nada, culminando com o capítulo final “Das negativas”.

Se examinarmos bem, todos os episódios de sua vida desembocam nessa foz, ou nessa fossa, considerada como a cova da morte, prefigurada já na dedicatória ao verme, percorrendo cada acontecimento como um ácido a corroer tudo, minando as energias, os afetos, os propósitos, as ações e intenções, as veleidades – “*vaidade das vaidades*”, como dirá mais à frente o Eclesiastes, “*tudo é vaidade!*”, ou, numa outra tradução: “*vazio dos vazios, tudo é vazio!*”

Poderíamos escolher qualquer passagem das *Memórias Póstumas* para demonstrar o que ficou dito acima. Tomemos duas, em paralelo, pela similitude do contexto – a paixão amorosa – e pelo desfecho: o breve relacionamento de Brás Cubas com Eugênia, a flor da moita, e o mais longo e repleto de vicissitudes, com Virgília.

No primeiro, Brás Cubas se encontrava na Tijuca, após a morte de sua mãe, recuperando-se daquela prostração causada pelo problema da vida e da morte e da vertigem provocada pela contemplação do abismo do Inexplicável (XXIV). Quando, por fim, decide-se retornar ao Rio de Janeiro, conhece Eugênia, então com dezesseis anos, filha espúria de Dona Eusébia e do Vilaça, homem casado, lá no longínquo 1814. Desse encontro nasce um pequeno idílio, apenas perturbado por um pequeno senão: Eugênia é coxa!

A esse pequeno defeito Brás Cubas dedicou todo um capítulo, o XXXII, *Coxa de nascença*. O título deste capítulo me remete a um relato encontrado no Evangelho de João 9, 1-41, *o cego de nascença*. Lá, os discípulos de Jesus perguntam-lhe a respeito de um homem, cego de nascença que se achava no caminho: *Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?* À vista de Eugênia, semelhante questionamento se instala no cérebro de Brás Cubas, em forma de um enigma: a Vênus manca, a aleijadinha, a flor da moita, não podendo mentir ao seu sangue, à sua origem... Quase podemos ouvir a pergunta ressoar: quem pecou, ela ou seus pais, para que nascesse coxa, apesar de bonita?

Todavia, a compaixão de Brás não era tanta, como a de Jesus, que curasse ou descursasse aquele defeito tão mínimo, uma simples circunstância: Eugênia coxeava um pouco, tão pouco que Brás chega a perguntar-lhe se machucara o pé. Porém, Brás Cubas confessa que sentia gosto, uma certa satisfação física e moral *ao pé dela* (essa expressão é repleta de ingenuidade ou contém uma certa malícia?). O defeito então não o impediu de acrescentar um versículo ao Evangelho: - *Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças*. Foi num domingo, no alto da Tijuca, como Jesus no alto do monte (Mateus 5, 1-12). Nosso autor, cujo estilo superara o de Moisés agora acrescenta mais uma bem-aventurança ao ensinamento cristão.

O Sermão da Montanha ou das Bem-Aventuranças é considerado por muitos estudiosos como o Programa da nova era inaugurada pela vinda do Messias. E o nosso autor suplanta o ato criacional acrescentando-lhe um episódio tão mofino. Poder-se-iam esperar, no contexto da narrativa, aproximações com outras histórias de paixões despertadas por um beijo, num ambiente idílico ou bucólico, jamais, todavia, com o “Manifesto” messiânico de Jesus. Brás novamente quebra todas as regras ficcionais e as não-ficcionais.

Contudo, neste auge, no ponto em que a relação dos dois poderia se estabelecer e perdurar, apesar do estado de alma diametralmente afastado um do outro, há uma reviravolta inesperada, que Brás Cubas compara à conversão de São Paulo (cap. XXXV).

Permanecendo ainda no âmbito e linguajar escriturístico, Brás avança: *Ora aconteceu, que, oito dias depois, como eu estivesse no caminho de Damasco, ouvi uma voz misteriosa, que me sussurrou as palavras da Escritura*, citando Atos dos Apóstolos 9, 7. Que se sucedeu aí? É que lhe nasceram dois movimentos no íntimo: a piedade, que o desarmava ante a candura da pequena, e o terror de vir a amar Eugênia deveras e desposá-la. *Uma mulher coxa!*

Saulo, nos Atos dos Apóstolos, está se dirigindo à cidade de Damasco a fim de matar seguidores de Jesus. Este lhe aparece no caminho e, ao se identificar, ordena-lhe: *levanta-te, entra na cidade*. Saulo, nesse encontro, ficou cego por 3 dias e depois tornou-se Paulo, o Apóstolo dos Gentios.

Brás Cubas ouve aquela frase dentro de si mesmo: *levanta-te, e entra na cidade*, o Rio de Janeiro, abandonando seu intento. Ambos obedeceram à ordem: um recuperou, desse modo, a visão; e o outro, a liberdade. Este episódio da conversão de Saulo em Paulo também é considerado inaugural da incipiente comunidade cristã e da ruptura desta com o judaísmo antigo. O contexto bíblico carrega grande densidade e tensão, porque Paulo, após o dramático acontecimento, é alvo de desconfiança e mesmo de resistência dos dois lados: do cristão, por causa de sua vida pregressa de perseguidor, e do judaico, devido a sua adesão a Cristo. Nada mais distante da narrativa de Brás Cubas, que só toma uma atitude por conveniência própria,

egoisticamente, retornando à galante e ociosa vida da corte. Mas a ficção o eleva a pé de igualdade com o apóstolo, uma das colunas do cristianismo!

A apropriação de dois acontecimentos tão importantes, bíblicamente falando – o Sermão da Montanha e a conversão de São Paulo – para a descrição de um incipiente relacionamento amoroso, logo abortado, denota a relativização dos âmbitos do “sagrado” e do “profano”, ao conferir, a um fato tão corriqueiro e trivial, um “status” mais elevado, talvez sublime, ao mesmo tempo em que reduz a importância daqueles atos inaugurais (no contexto bíblico) ao plano do contingente.

Mas, a despeito de toda essa operação narrativa, a que fica reduzida a pobre moça? À comparação de um par de botas que incomodam e são finalmente descalçadas, para alívio dos pés! O que prometia ser um idílio amoroso, reduz-se a um abandonar um estorvo... a bem das convenções sociais, que o leva ainda mais adiante, por influxo da decantada distinção psíquica (*uma partícula da sabedoria, o dom de achar as relações das coisas, a faculdade de as comparar e o talento de concluir!*), fruto da modéstia ímpar característica do nosso autor, a corrigir a Escritura, neste caso, não somente corrigi-la brandamente e com fineza, como das outras vezes, porém a vituperá-la com um julgamento nada cordial. Ele diz no capítulo CXXVII: *A estima que passa de chapéu na cabeça não diz nada à alma; mas a indiferença que corteja deixa-lhe uma deleitosa impressão* (difícil encontrar tamanha consideração pelas convenções sociais, ainda que desprovidas de sinceridade!). *A razão, conclui, é que, ao contrário de uma velha fórmula absurda, não é a letra que mata; a letra dá vida; o espírito é que é objeto de controvérsia, de dúvida, de interpretação, e conseqüentemente de luta e de morte.*

Aí está; qual é essa “velha fórmula absurda”? Encontramo-la precisamente na 2.^a carta de São Paulo aos Coríntios (3,6), no Novo Testamento. Aí lemos: *Foi ele (Deus) quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida.* Isto é, completamente o contrário da conclusão de Brás Cubas.

O contexto em que escreve o Apóstolo é o do confronto com as formalidades do culto judaico, do qual ele era oriundo antes da sua conversão. A

letra, aí, se refere à Lei escrita, exterior, do Antigo Testamento, comparada ao Espírito, a Lei interior do Novo Testamento, a chamada “liberdade dos filhos de Deus”. Tal foi a grande controvérsia de Paulo e um dos pontos-chave do seu ministério apostólico. E lá vem Brás Cubas com uma penada pôr abaixo a obra de uma vida, a luta daquela ilustre personalidade! Tudo para salvaguardar a honra da amável Formalidade, inocente mantenedora das mais honestas e sinceras relações entre os homens!...

Estranho paradoxo que leva o nosso herói a obedecer às convenções sociais abandonando uma jovem livre e bonita, ainda que coxa, e tomar Virgília, mulher casada, como amante!...

O relacionamento com Virgília, por sua vez, constitui na narrativa das MPBC um núcleo dramático mais longo, com muitas peripécias, aventuras e desventuras. Para o que nos interessa neste momento, destaco um episódio atípico, que poderia bem passar despercebido, mas bastante significativo para o que venho apontando até aqui. Foi quando, no auge do relacionamento com a amante, em que o fastio ameaçava já se instalar, aconteceu um outro episódio mofino, no dizer do próprio autor no capítulo CIII, num embate de uma formiga com uma mosca. É bem curioso o contexto em que elas aparecem, pois Brás Cubas está em meio a uma conversa séria com Virgília, em casa de Dona Plácida, a propósito de um incidente havido entre eles. Enquanto ouvia os reproches da amante, Brás olha para o chão, *onde uma mosca arrastava uma formiga que lhe mordía o pé. Pobre mosca! pobre formiga!*, exclama ele.

Após uma cena de ruptura e reconciliação, em que um brinco de Virgília cai ao chão, Brás, inclinando-se para apanhá-lo, vê que nele trepou *a mosca de há pouco, levando sempre a formiga ao pé*. Coloca os insetos – *aquele casal de mortificados* – na palma da mão e calculando toda a distância que ia de sua mão ao planeta Saturno pergunta-se *que interesse podia haver num episódio tão mofino*. E finaliza: *Se concluis daí que eu era uma bárbaro, enganas-te, porque eu pedi um grampo a Virgília, a fim de separar os dois insetos; mas a mosca farejou a minha intenção, abriu as asas e foi-se embora. Pobre mosca! pobre formiga! E Deus viu que isto era bom, como se diz na Escritura*.

Também me pergunto o que faz aí, nessa narrativa, um episódio tão mofino, que mereceu tanta atenção do narrador. Tudo indica que a coisa

não é tão simples como pode parecer à primeira vista: a mosca arrasta a formiga, mas é a formiga que lhe morde o pé. Quem é a presa? Quem o predador? Esta pergunta ganha ainda mais propriedade quando se lê que foi a mosca a abrir as asas e partir... por que não o fizera antes? E as repetidas interpelações: *Pobre mosca! pobre formiga!?* E que dizer, então, da última frase, fechando tudo: *E Deus viu que isto era bom?*

Não nos devemos esquecer de que Brás relata suas memórias além-túmulo e de que, neste ponto de sua narrativa, seu relacionamento com Virgília atingia o auge do conflito. Por isso, a presença desses insetos tão vivamente descritos aí remete a algo além da mera descrição, digamos, sim, a uma justaposição, ou melhor, uma superposição e identificação: Brás Cubas/Virgília=mosca/formiga, um preso ao outro, cada qual podendo se livrar e não o fazendo. Quantos casos, porém, de casais mortificados não aparecem na literatura universal e que poderiam servir como termo de comparação? Quantos não foram tragicamente separados pelo destino, a exemplo de Romeu e Julieta? Que fio lógico poderia ligar o enunciado de Deus, no início do mundo, a Brás Cubas e Virgília?

Indo agora ao relato do Gênesis 1, 1-31, vemos que Deus criou todas as coisas em 6 dias e após cada etapa da criação está escrito *e Deus viu que isso era bom*. Há uma exceção, porém: o segundo dia. Nele só se lê: (6) *Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez. (7) Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, (8) e Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia*. Apenas isso. Aliás, a título de curiosidade, esse fato motivou, entre os judeus, a crença de que a segunda-feira é um dia de mau agouro, não se devendo tomar decisões, fechar negócios, iniciar empreendimentos nesse dia, pois Deus não o teria louvado e abençoado.

Que traço encontramos, então, entre o Gênesis e as MPBC? O da separação. Ainda que esse ato apareça em outros dias, como no 1.º, por exemplo, em que (3) *Deus disse: “Haja luz” e houve luz. (4) Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. (5) Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia*. Nesse caso, Deus elogia a luz, que é sua criação; as trevas não o são: elas são negação. Ou no 4.º dia, em que Deus cria os luzeiros no

firmamento (sol, lua e estrelas) para separar o dia e a noite, marcar os anos e as festas, separar a luz das trevas, mas abençoando, ao final, sua obra.

Que salto triplo mortal se deu no cérebro de Brás para encontrar um elo entre o ato banal de separar os insetos e o ato contemplativo do Criador ao apreciar a Sua obra? Brás Cubas, de uma certa forma, ao tentar separar os insetos refaz a criação e acrescenta a bênção correspondente ao ato de separar: e *Deus viu que isto era bom*. O que Deus não havia feito – isto é, separar e abençoar –, Brás o fez e viu que isso era bom. A narração suplanta a criação do mundo ou, então, como disse anteriormente, Brás Cubas faz um caminho oposto ao do Criador: este compraz-se em chamar do nada à existência as coisas, Brás fá-las escorregar da existência ao nada... e como Deus viu que isto (o seu ato criador) era bom, Brás vê que o seu (o aniquilador) também o é. Aqui também cumpre ressaltar a projeção da modernidade sobre as Escrituras, ao inserir os episódios mofinos – do beijo de Eugênia e dos insetos presos um ao outro – em contextos em que, como já disse, Brás Cubas apela para passagens bíblicas de importância fundamental, em termos religiosos e históricos – como o sermão inaugural do ministério público de Jesus Cristo, a conversão de São Paulo, que estendeu a pregação do Evangelho além fronteiras de Israel, e os dias da criação do mundo, em que a palavra de Deus trouxe à existência todas as coisas –, dissociando-as, porém, de seus contextos originais e inserindo-as na cotidianidade, trivialidade e imanência de uma vida humana tão comum e banal como a sua. Nesse movimento, Brás se afasta da tradição exegética e hermenêutica acerca daqueles textos e lhes dá outra configuração e significado.

A despeito de tudo, porém, qual o destino reservado àqueles dois amantes? Acabarem se separando com um simples adeus, após o qual Brás Cubas vai se refestelar numa esplêndida refeição no hotel Pharoux...

Quando, enfim, Virgília visitou Brás Cubas algumas vezes nos seus derradeiros dias e a sua presença junto ao leito faz o nosso herói voltar no tempo, *porque um Ezequias misterioso fizera recuar o Sol até os dias juvenis*, e ajuntar: *Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó (ele mesmo), que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade (VI)*.

Ora, quem é esse misterioso Ezequias? Há dois relatos na Bíblia, praticamente idênticos, sobre o acontecido a esse rei de Judá: 2Reis 20, 1-11 e Isaías 38, 1-8: Ezequias foi atingido por uma doença mortal (à semelhança de Brás). O profeta Isaías veio visitá-lo e anunciou-lhe a morte iminente. O rei, então, orou a Deus entre lágrimas e suas preces foram ouvidas – Deus lhe concedia viver mais 15 anos. Ezequias, no entanto, pede um sinal de que isso se cumprirá e o profeta invoca a Deus e o sol recua dez degraus na sombra que havia avançado sobre os degraus da Câmara Alta do rei Acaz.

No entanto, esse duplo relato não é o único caso de recuo do sol. Encontramos no livro de Josué 10, 1-15, que este guerreou contra 5 reis adversários ao mesmo tempo no país de Gabaon e, a uma ordem sua, o

o sol se deteve e a lua ficou imóvel até que o povo se vingou dos seus inimigos (...). O sol ficou imóvel no meio do céu e atrasou o seu ocaso de quase um dia inteiro. Nunca houve dia semelhante, nem antes, nem depois, quando lahweh obedeceu à voz de um homem.

Por que teria Brás escolhido a história de Ezequias para ilustrar a sua viagem temporal? Se minha hipótese lançada logo atrás estiver correta, é certamente porque tal relato se encaixaria melhor na sua narrativa, fornecendo-lhe a analogia mais apropriada à matéria literária de sua própria criação – um rei moribundo que recebe a promessa de prolongamento de sua existência e não apenas um chefe guerreiro auxiliado momentaneamente pelo céu para vencer uma batalha.

Assim se fecha um círculo – cujo centro é o vazio. Os dois episódios descritos se mostram emblemáticos de todos os outros acontecimentos da narrativa: tudo caminha para o vazio. Teremos ocasião de observar isso mais de perto em outras passagens, como a do delírio, por exemplo, em que o desfile dos séculos desemboca na mesma foz.

Isso que aqui foi descrito é apenas uma amostra, um fio da malha narrativa puxado do conjunto e que delineou os encadeamentos possíveis dentro da trama e da intertextualidade. Pode parecer exagero, mas um leitor atento da Bíblia e das *Memórias Póstumas* é capaz de encontrar ligações entre as duas que, à primeira vista, não passariam de um eco, uma alusão, um aceno apenas, e, não obstante, são repletas de significados e importância para os respectivos contextos.

Antes de avançar mais nos paralelismos entre as MPBC e a Bíblia, é necessário primeiro adentrar no universo propriamente dito desse último livro, suas origens, formação e contexto. Posteriormente, no momento oportuno, tentarei traçar o percurso do hipopótamo, esse tão falado paquiderme, animal desconhecido de nossa fauna e para nós um tanto exótico, a partir de seu aparecimento no livro de Jó e, mais adiante, buscar a vertente de onde possa brotar o caudal que escoar para o nada, para o vazio – o livro de Eclesiastes.

Capítulo 2 –

Era uma vez um livro...

...que ajudou a moldar a cultura ocidental, sendo uma das bases da nossa civilização e, como tal, forneceu matéria não somente para a religião cristã, que elaborou seus dogmas a partir da Revelação contida nela, mas também para todo o imaginário artístico daí derivado, em todas as suas formas de expressão. Evidentemente também no campo literário, que lhe é particularmente afim.

A Bíblia é um e ao mesmo tempo muitos livros. O próprio nome deriva do grego *ta biblíá*, que quer dizer *livros*. Restringindo-nos apenas à vertente católica, contam-se 73 livros, de diversas épocas e autores distintos.

Há duas grandes divisões: o Antigo e o Novo Testamento. Primeiramente as narrativas eram orais, passadas de geração a geração. Aos poucos é que foram sendo postas por escrito. Esse processo começou por volta do ano 1000 a.C. e se estendeu até cerca do ano 100 d.C. Para se chegar ao número fixado de seus escritos houve muitas discussões e controvérsias de ambas tradições: a judaica, com relação ao Antigo Testamento, e a cristã, com relação ao Novo. Para comprovar a complexidade de todo esse processo basta recordar que apenas por volta de 1500 é que o cânon completo e definitivo foi dogmaticamente estabelecido na Igreja Católica.

Mas a Bíblia é mesmo um livro “*sui generis*”: apesar de escrita ao longo de tanto tempo e pela pena de tantos autores diferentes, ela passou para a Tradição como possuindo uma unidade intrínseca, um enredo e uma coerência interna incontestáveis. Três livros bíblicos, todavia, se destacam, pela temática e conteúdo, dessa linha de interpretação: são eles, além dos citados Jó e Eclesiastes, também o Cântico dos Cânticos. Atribui-se essa unidade intrínseca à Bíblia ao fato de que ela teria um único Autor por trás dos escritores ou escribas – Deus. Apesar disso, nela se encontram os gêneros literários mais diversos como contos, fábulas, poemas, crônicas, novelas, relatos históricos, parábolas, provérbios, cantigas, escritos visionários e proféticos, entre outros.

Existem inúmeros estudos no âmbito da teologia que descrevem a formação, o gênero literário, a recepção dos livros canônicos e há muito

tempo que se aplicam a esses escritos os modelos de análise de textos literários. Remeto, para uma introdução ao assunto, ao livro *A Bíblia nas suas origens e hoje*, de Johan Konings³, e às introduções, notas e comentários das edições da própria Bíblia, como a de Jerusalém, por exemplo, bastante abrangentes e esclarecedoras. Adentrando, porém, no âmbito propriamente da crítica literária, que é o que nos interessa, há igualmente várias abordagens salientando tal caráter: Northrop Frye, no seu livro *Anatomia da Crítica*⁴, afirma: *nenhum livro poderia ter tido influência na literatura sem ter qualidades literárias e, a Bíblia é uma obra literária desde que seja examinada por um crítico literário* (p. 309). Um outro exemplo é *Guia literário da Bíblia*, organizado por Robert Alt e Frank Kermode⁵.

Todavia, o valor da Bíblia não se esgota em si mesma, mas, conforme já foi dito, estende-se para todos os círculos sob sua influência e influxo. Atendo-nos ao campo literário apenas, um rápido olhar sobre a sua produção confirma o que Frye diz na citada obra: *a literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que por qualquer outro livro, mas com todo o seu respeito pelas “fontes”, o crítico sabe, dessa influência, pouco mais de que ela existe.*⁶

Talvez o que cause esse distanciamento seja o forte vínculo da Bíblia com a religião, o que não deveria ser, entretanto, impedimento para abordá-la por outros ângulos. Pode-se legitimamente prescindir de uma interpretação religiosa ou teológica, abordando-a como outros monumentos erigidos pelo espírito humano. Ademais, a experiência religiosa também é passível de outras análises que não seja a teológica, como a sociológica e a antropológica, por exemplo.

Frye se aventurou nessa empreitada e, como fruto de seu empenho, escreveu o livro *The Great Code: The Bible and Literature*, traduzido no Brasil pelo Prof. Flávio Aguiar, com o título *O código dos códigos – a Bíblia e a literatura.*⁷ Logicamente, o autor canadense se concentrou mais em obras de autores de língua inglesa. Na nossa língua desconheço algum trabalho nesse sentido, ou seja, de coligir e analisar a influência bíblica em escritores de fala portuguesa. O Prof. Flávio

³ Petrópolis, Vozes, 1998.

⁴ tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, São Paulo, Editora Cultrix, 1973.

⁵ tradução de Raul Fiker, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997.

⁶ *op. cit.*, p. 21.

⁷ São Paulo, Boitempo, 2004.

acrescentou um posfácio do tradutor, com o título *Ressonâncias da Bíblia na literatura*, ilustrando com exemplos d'*O Guarani*, de José de Alencar. Seria bastante interessante e apropriado ampliar tal estudo para outros grandes autores da nossa literatura. Este meu presente trabalho constitui uma pequena contribuição nesse sentido.

Com os exemplos até aqui expostos de uma única obra de Machado de Assis já nos é dada uma noção da extensão da influência da Bíblia na produção literária de língua portuguesa.

Com efeito, Machado possuía um exemplar da Bíblia. Podemos confirmar a informação pelo levantamento feito por Jean-Michel Massa com o que restou da biblioteca de nosso escritor. Em *La bibliothèque de Machado de Assis*⁸ encontramos, no item IV, âmbito bíblico e religioso, n.º 78: *BÍBLIA, A. (...) Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina por António Pereira de Figueiredo. Londres, Officina de Harrison e filhos, 1866* (p. 206). Além disso, encontra-se a obra *Histoire littéraire de l'Ancien Testament, de Th. Noldeke, traduit de l'allemand par M.M. Hartwig Derenbourg et Jules Soury. Paris, Sandoz et Fischbacher, 1873* (p. 206) e, ainda, *L'Ecclesiaste, traduit de l'hébreu avec une étude sur l'âge et le caractère du livre par RENAN, Ernest. Troisième édition. Paris, Calmann Lévy, 1891* (p. 234). Quanto a este último autor, Renan, a biblioteca remanescente de Machado conta com várias de suas obras totalizando 12 volumes, incluindo os de *História das origens do cristianismo* e os da *História de povo de Israel*; falta, porém, a tradução dele para o francês do livro de Jó, publicado com um estudo sobre a idade e o caráter do poema, em Paris, por Calmann-Lévy, sem data.

Machado foi, certamente, um grande leitor da Bíblia, ele a lia e conhecia muito bem. Provam-no as inúmeras citações bíblicas não só na obra estudada, como vimos, como também nos demais romances, nas crônicas, contos e mesmo correspondências. Exemplo desta última ocorrência me foi gentilmente oferecido pelo Prof. John Gledson, a quem agradeço neste momento: em carta ao jovem escritor Carlos Magalhães de Azeredo, Machado escreve: "Acredito aqui na sinceridade da expressão, a despeito dos seus dezessete anos, mas quer-me parecer

⁸ in *Revista do Livro* – órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, ano VI, n.ºs 21-22, jan.-jun. 1961.

que ela lhe terá sido sugerida pela leitura assídua das Escrituras, que as tem admiráveis quando nos descrevem o valor ínfimo de todas as cousas (...).”⁹

Ora, para alguém avaliar como “admiráveis” expressões o conteúdo de uma obra, é preciso conhecê-la a fundo. E esta única frase contém a chave de leitura, quando esclarece que é justamente ao descrever o valor ínfimo de todas as coisas que as expressões bíblicas são admiráveis – e em nenhum livro da Bíblia isto é tão patente como em *Eclesiastes*, como teremos oportunidade de ver.

O uso, portanto, que Machado de Assis faz da Bíblia comprova aquela afirmação. Restringindo e examinando por alto as MPBC encontrei, nos seus 160 capítulos, 17 referências bíblicas, umas explícitas, outras nem tanto. Mas quando se desce a minúcias, podemos encontrar outros ecos não captados à primeira vista. Já pudemos explicitar isso no que ficou dito atrás. No presente, continuaremos a procurar tais correlações: podemos começar pela posição atípica e privilegiada do autor suposto. Na Bíblia, Deus é considerado o grande Autor, que quis se revelar à humanidade e estabelecer alianças com sua criatura. Ele que vive num espaço extraterreno e fora do tempo, sendo, porém, Senhor da História. Utiliza o homem como um canal para sua comunicação, usando, para isso, o grande meio que é a linguagem humana e suas mais variadas formas de expressão.

No caso das *Memórias póstumas*, o autor-narrador não está mais preso às categorias de espaço-tempo, visto que é um finado. Nessa condição, ele tem em suas mãos a matéria completa de sua narrativa, do começo ao término de sua existência terrena, podendo manipular e jogar com os dados temporais a fim de melhorar o estilo de sua escrita.

E, se a Bíblia é um livro “sui generis” como já ficou dito, as *Memórias* também não ficam atrás, do que se depreende do Prólogo ao leitor, onde o autor confessa que *se trata, na verdade, de uma obra difusa* e justifica o seu silêncio quanto ao processo extraordinário que empregou na sua composição, lá no outro mundo, dizendo que *seria curioso, mas nemiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo.*

⁹ AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003.

Sim, “a obra em si mesma é tudo”, tal como a Bíblia. Ninguém pode ficar indiferente a ela.

Tal como Deus, Brás Cubas é um autor soberano, que não domina apenas os dados da história, mas também o leitor. Brás inverte a ordem de importância – não é o leitor que é soberano, cuja vontade pode fazê-lo abandonar a leitura e relegar o autor ao anonimato da estante – é ele, o autor, que, se agrada ao leitor, dá-se como pago da tarefa que ele mesmo assumiu espontaneamente; caso contrário, despacha o leitor com um piparote, e adeus, assim como fez com a borboleta preta... isto é, lança o leitor à voracidade das pródidas formigas.

Todavia, ele não fica apenas nisso: lá pela metade da narrativa, no capítulo LXXI, Brás joga em rosto do leitor a acusação de que ele, leitor, é o maior defeito do livro, motivo pelo qual começa a se arrepender de tê-lo escrito.

Isso nos reporta ao arrependimento de Deus ter criado o homem, no episódio do dilúvio, quanto ao mesmo sentimento em relação à obra criada. Quanto ao grande piparote no leitor, vejamos o que diz o autor do Apocalipse, justamente o último livro da Bíblia, no seu epílogo: *A todo o que ouve as palavras da profecia deste livro eu declaro: “Se alguém lhes fizer algum acréscimo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. E se alguém tirar algo das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará também a sua parte da árvore da Vida e da Cidade Santa, que estão descritas neste livro!”* (Apocalipse 22, 18-19). Ora, o leitor não tem outra alternativa senão aceitar o que fica dito – a obra em si mesma é tudo – mesmo que seja enxovalhado pelo autor a todo o momento, interpelado e contradito... não pode haver maior soberania que esta.

Vejamos o que diz disso Abel Barros Baptista, na sua obra *A formação do nome*¹⁰:

O autor suposto – e nenhum, em toda a literatura ocidental, será tão suposto quanto este! – não se limita a escrever as memórias, o que quer que elas sejam: faz previsões sobre o número de leitores que o livro alcançará, adianta-se à opinião dos graves e dos frívolos, mas sobretudo observa as convenções e as obrigações decorrentes da publicação. Brás Cubas não é, pois, um simples narrador,

¹⁰ *A formação do nome*: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.

nem um autor, cujo livro, por qualquer razão misteriosa ou conhecida, ficou inédito à espera que alguém o encontrasse, mas um autor, que afronta o século e o público com a audácia que se conhece, reagindo e falando como se o seu livro estivesse à disposição do “fino leitor” na livraria em que, segundo rezam as biografias, Machado de Assis passava os fins de tarde (p. 165).

Ainda com relação à questão da autoria e do gênero predominante, o mesmo estudioso português discorre, nas pp. 168 e 169, da citada obra:

(...) Brás Cubas não se faz autor por ter vivido experiência exemplar, testemunhado acontecimentos dignos de notícia, ter tomado conhecimento de fatos que outros ignoram, ou dispor de mensagem indispensável a transmitir ao leitor. Brás Cubas, muito simplesmente, escreveu um livro: e sobretudo insinua que se trata de um livro de configuração romanesca, razão pela qual, aliás, ficará privado das “duas colunas máximas da opinião”. Perante isso, se tivermos presente o título Memórias póstumas, nada obriga a pensar que iremos ler uma autobiografia no sentido em que a fazem usualmente os autores supostos, isto é, o relato dito fiel de uma vida. Não encontramos aqui esse lugar-comum do recurso ao autor suposto, que é negação explícita do caráter romanesco do texto, em nome da verdade, da verossimilhança ou da autenticidade. Bem pelo contrário, tudo indica que iremos ler um romance: romance estranho, difuso, escrito na forma livre de Sterne, mas sempre um romance. Tudo indica, quer dizer: o autor apresenta-se reivindicando apenas a autoridade decorrente de uma opção, a opção do romanesco, e consciente dos riscos por que irá passar. Começa deste modo a definir-se a dupla singularidade de Brás Cubas: a singularidade com que se apresenta e a singularidade do seu lugar na literatura ocidental.

Também nesse aspecto se aproximam as MPBC e a Bíblia: as duas são obras de autores supostos em posições sumamente privilegiadas e cujos gêneros não se enquadram em esquematizações e classificações fixas – há nelas de tudo, um pouco de tudo o que pode produzir o espírito humano.

Como disse na Introdução, de todos os livros bíblicos considero que dois em especial forneceram um certo pano de fundo, um certo “espírito” às MPBC e enquanto ia eu redigindo esta dissertação, fui agraciado com um feliz achado que veio confirmar minha linha de pensamento sobre o assunto: trata-se do delicioso livro de Gustavo Corção, infelizmente hoje relegado ao mais completo

esquecimento, intitulado “O desconcerto do mundo”¹¹. Esse crítico, além de uma verve poderosa, tinha um estilo elegante e fluido; admirador confesso de Machado de Assis e, como católico praticante e defensor da sua fé, conhecedor exímio das Sagradas Escrituras. Ninguém melhor, portanto, do que ele para avaliar as possíveis influências bíblicas nos escritos machadianos.

Pois bem, ele aponta no seu estudo, *um desconcertante contraste entre a vida de Machado de Assis e a obra maior e decisiva que começa com o surgimento de Memórias Póstumas de Brás Cubas* e explica em que consiste tal contraste:

Das notícias deixadas por seus contemporâneos, e sobretudo das próprias cartas, que pertencem mais à vida do que à obra, deduz-se uma personalidade que não combina, que chega a contradizer a outra que se adivinha atrás dos grandes romances da nova fase. Dir-se-ia que são dois homens: um que viveu em suave e tranqüila ascensão, desde a bancada do moço tipógrafo até a presidência da Academia; e outro que terá sofrido, não se sabe onde, nem como, as asperezas de uma vida madrasta que lhe castigou o coração. Dois homens ou duas personalidades, duas vidas ou duas experiências, - eis aí a primeira impressão que se tem quando se compara uma página de Brás Cubas com as cartas escritas a Joaquim Nabuco. De um lado o personagem pausado, prudente, cerimonioso, discreto, bem inserido na secretaria do Ministério da Agricultura, onde é zeloso e pontual, bem plantado nas instituições de seu tempo, confiante nelas, crente no Senado e na Academia, acatador de títulos e condecorações, afeito à etiqueta e às fórmulas da convenção bem educadas; e de outro lado a alma aflita que bebe o desconsolo do Eclesiastes” (pp. 87-88).

E Corção vai tentando decifrar mais este enigma, acompanhando os sucessos na vida pessoal de Machado com o propalado “pessimismo” ou o decantado “cepticismo” que aparecem, para ele, na maior obra de Machado de Assis.

Depois, o crítico apresenta excertos de crônicas de Machado, entre as quais se encontra esta de 26 de novembro de 1893: – *Tudo isso cansa, tudo isto exaure. Este Sol é o mesmo Sol, debaixo do qual, segundo uma palavra antiga, nada existe que seja novo. A Lua não é outra Lua. O céu azul ou embruscado, as estrelas e as nuvens, o galo da madrugada, é tudo a mesma cousa. Lá*

¹¹ CORÇÃO, Gustavo. O desconcerto do mundo. Rio de Janeiro, Livraria Agir, Editora, 1965.

vai um para a banca da advocacia, outro para o gabinete médico, este vende, aquele compra, aquele outro empresta, enquanto a chuva cai ou não cai, e o vento sopra ou não; mas sempre o mesmo vento e a mesma chuva. Tudo isto cansa, tudo isto exaure (p. 122). Explícita referência e mesmo espírito de Eclesiastes!

E após tratar do pessimismo, Corção examina o humorismo de Machado, concluindo que o mesmo constitui uma autêntica espiritualidade! E acrescenta: *O manual de sabedoria de Machado era o Eclesiastes, livro de Fé provocada pelos absurdos do mundo; e sua própria maneira de ser céptico era freqüentemente apoiada em Pascal, e portanto era mais um modo antitético de ser crente do que um modo de ser céptico* (p. 136).

Por fim, se detém mais demoradamente na aproximação entre Machado de Assis e o Eclesiastes: *Era o predileto de Machado de Assis esse livro estranho, desconcertante, que permitiu aos comentadores e exegetas a extensa gama de perplexidades, indo do ceticismo e pessimismo à filosofia otimista e moderada do honesto meio-termo* (p. 138). Para minha alegria, esse autor sublinha também a perplexidade que causa ao leitor desavisado o livro de Jó:

é fácil imaginar o choque desse leitor na passagem do livro de Jó onde a voz de Deus, dentro da tempestade, repreende os amigos de Jó, cujos discursos, pelo tom razoável e piedoso, tanto se assemelham ao que se ouve nos bons sermões paroquiais (p. 139), e, ainda: *Embora em pauta diferente, o Livro do Eclesiastes tem a mesma intenção do Livro de Jó, e inscreve-se dentro do depósito sagrado como uma espécie de demonstração por absurdo da transcendência de nossa vocação* (p. 143).

E, avançando na sua argumentação, traz ainda outras referências explícitas ao livro bíblico:

Recomendamos a leitura de Machado de Assis a quem desejasse apurar o ouvido para o áspero e aflitivo timbre do Eclesiastes. Agora sugerimos a leitura do livro atribuído a Salomão a quem desejar compreender um pouco melhor o tão caluniado pessimismo de Machado de Assis. “No Eclesiastes há tudo para todos” dizia já em 1895 o cronista da A Semana. Haverá, pois, para os críticos, uma chave que permita abrir os cofres secretos deste mesmo autor que em outra crônica, de 1893, escrevia: “Onde há muitos bens, há muitos que os comam, diz o Eclesiastes, e eu não quero outro manual de sabedoria”. São numerosas as passagens em que Machado se refere a esse manual de sabedoria tão adequado a

seu estilo, mas o que nos autoriza a dizer que o livro sagrado exerceu poderosa influência sobre o autor de Brás Cubas não é a frequência da citação. É antes a profunda, a misteriosa perspicácia com que Machado penetrou o espírito do angustiado Qohelet (p. 144).

Chegou, então, o momento de examinarmos mais de perto aqueles dois livros bíblicos, para fazer as aproximações com as MPBC.

Capítulo 3 –

A paixão impaciente de Jó

Segundo Jack Miles¹², dentre os livros da Bíblia, o livro de Jó é um dos favoritos nos círculos literários. E dentre todos os livros da Bíblia, Jó é um dos mais desconcertantes. Ainda não se chegou a um consenso sobre a que gênero literário pertence tal obra: seria uma fábula? Um poema? Conto folclórico?

Em todo caso, pode-se dividi-lo em duas grandes sessões: a primeira, formada pelo prólogo e pelo epílogo, em prosa, servindo como uma espécie de cenário para um grande poema, a segunda sessão, constituída de diversos discursos entre as personagens que aí aparecem.

De acordo com Moshe Greenberg, autor do estudo sobre Jó no *Guia literário da Bíblia*¹³, o principal problema literário é sua coerência e se pergunta se a prosa e a poesia, ou as falas de Jó e seus amigos formam um todo e como se relacionam entre si. Isso porque, segundo o mesmo autor, *a inversão e a subversão predominam – em deslocamentos súbitos de disposições e papéis, e numa retórica de sarcasmo e ironia*. Essas características de sarcasmo e ironia, também sublinhadas por outros estudiosos do livro de Jó, aparecem, aliadas às inversões e subversões, igualmente nas MPBC e temos aí um grande ponto de aproximação entre as duas obras, a ser explorado, entre outras coisas, no presente capítulo.

Antes de iniciar, contudo, uma palavra explicativa sobre o título do capítulo: a paixão impaciente de Jó. Essa personagem entrou para o senso comum como modelo de paciência, a aclamada “paciência de Jó”. Mas isso corresponde realmente aos fatos?

O Jó da prosa, do começo e do final do livro, sim, pois quando perdeu todos os 7 filhos e 3 filhas, mais as 7 mil ovelhas, 3 mil camelos, 500 juntas de bois, 500 mulas e servos em grande número e todos os seus bens, *e/le se*

¹² MILES, Jack. *Deus: uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 25.

¹³ *op. cit.*, pp. 305 e 306.

levantou, rasgou seu manto, rapou sua cabeça, caiu por terra, inclinou-se no chão e disse:

*Nu saí do ventre de minha mãe
E nu voltarei para lá.
lahweh o deu, lahweh o tirou,
Bendito seja o nome de lahweh (1, 20-22).*

Ou, quando foi ferido com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça, apanhando um caco de cerâmica para se coçar e assentar-se no meio da cinza: *se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?* (1, 7b-10b). É esta mesma atitude de humilde submissão que encontramos nas suas últimas palavras, em resposta a uma interpelação divina:

*conhecia-te só de ouvido,
mas agora viram-te meus olhos:
por isso, retrato-me
e faço penitência no pó e na cinza (42, 5-6).*

Mas é outro Jó que encontramos nos discursos poéticos: inconformado, inquiridor, apaixonado defensor de sua inocência, impaciente, expectador da justiça divina... São traços deste último Jó que vislumbramos presentes nas MPBC.

Já tivemos oportunidade de apontar, no capítulo 1.º deste trabalho, uma ressonância, nas *Memórias póstumas*, de uma imagem tirada do livro de Jó, com relação à figura do verme. Isso foi uma aproximação anônima, por similitude. No entanto, no auge do capítulo VII, o delírio, encontramos nominada a nossa presente personagem bíblica, em pleno diálogo de Brás Cubas com Natureza ou Pandora, após contemplar tanta calamidade que cerca a vida humana:

- Tens razão, disse eu, a coisa é divertida e vale a pena, - talvez monótona – mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, é por que lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo.

É precisamente ao 2.º Jó que a citação remete, pois, com aquela atitude, ele inaugura a parte poética do livro, imediatamente antecedido por algumas linhas em prosa, ainda no prólogo, a fazer elo entre as duas partes. A Bíblia esclarece que

três amigos de Jó – Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat – ao inteirar-se da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consolá-lo. Quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantaram a voz e romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça. Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento (Jó 2, 11-13).

É então que Jó abre a boca num longo lamento, quebrando o interminável silêncio – contrariamente ao Deus da criação que, ao ver que tudo era muito bom, entrou no descanso do 7.º dia (Gênesis 1, 31-2,3):

Enfim, Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento. Jó tomou a palavra e disse:

*“Pereça o dia em que nasci,
a noite em que se disse: “Um menino foi concebido!”
Esse dia, que se torne trevas,
que Deus do alto não se ocupe dele,
que sobre ele não brilhe a luz!” (Jó 3, 1-4),*

e segue desfiando todo um rosário de imprecações e impropérios, por todo o capítulo 3, nos seus 26 versículos, celebrando a amargura de ter vindo ao mundo, bem contrariamente à paciente resignação da abertura de sua narrativa.

Com esse grito Jó se coloca nas antípodas do reino messiânico, celebrado com grande júbilo pelos que habitavam uma terra sombria como a da morte: *Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre os seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz (Isaías 9, 1-6).* Jó, ao contrário, deseja nunca ter nascido, para não ter que ansiar pela morte que tarda em acabar de vez com seus indizíveis sofrimentos:

*“Que eu fosse como um aborto escondido,
que não existisse agora,
como crianças que não viram a luz” (v. 16).*

E é essa paixão, de padecimento – mas também de inconformismo com o “status quo” – que lhe provoca a impaciência dos que clamam por justiça, agora, sem tardança. Tal é o significado do título deste capítulo. E é a este Jó que Brás evoca no delírio: o que desejava nunca ter nascido, para olhar lá de cima, isto é, da eternidade, o espetáculo que nosso autor ora contemplava.

Mas Brás Cubas não se limita à evocação; acaba, por fim, por se identificar com a personagem bíblica ao bradar: *Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me*. Parece-nos ouvir aquele sofredor gritar:

*Porque não fechou as portas do ventre para esconder à
minha vista tanta miséria.*

*Porque não morri ao deixar o ventre materno,
ou pereci ao sair das entranhas? (11, 12)
(...) Agora dormiria tranqüilo,
descansaria em paz... (13)*

Lá, Jó lamenta não ter morrido no ventre de sua mãe; aqui, Brás suplica que a Mãe Natureza, a que dá a vida e a morte, o engula definitivamente para o outro lado da vida.

Aqui chegamos a um ponto importantíssimo de nossa jornada, que é esse imenso jogo de forças vida/morte no meio do qual somos lançados, às vezes à mercê de uma, às vezes, de outra, alguns de nós sem se dar conta, outros com uma aguda percepção.

Ao longo de suas memórias, Brás deixa entrever em alguns momentos a proximidade desse grande enigma, desse mistério: no capítulo XXIII, referindo-se à morte da mãe, diz: *mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar*. Tal fato o levou a refletir, no capítulo XXIV: *jamais o problema da vida e da morte me oprimira o cérebro; nunca até esse dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável (assim, com maiúscula!); faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem...*

Também nas ocasiões em que perdia o sono, Brás imaginava um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, contando: - *outra de menos... – outra de menos* (capítulo LIV). A propósito da morte de Eulália, que foi para ele a mais absurda de todas, ele reflete, junto ao leitor, no capítulo CXXIV, *que há entre a vida e a morte? Uma curta ponte*. E até mesmo o passamento do seu rival, Lobo Neves, leva-o a concluir, numa imagem astronômica: *o homem executa à roda do grande mistério um*

movimento duplo de rotação e translação; tem os seus dias, desiguais como os de Júpiter, e deles compõe o seu ano mais ou menos longo (capítulo CL).

Isso tudo fica ainda mais pungente quando, no caso de Jó, ficamos conhecendo a verdadeira razão de todo o seu sofrimento e desgraça. Jó jamais veio a saber; no máximo, conviverá com uma dilacerante suspeita, mas a causa de seu drama se deveu a uma disputa, ou melhor, uma aposta entre Deus, seu criador, e satã, o acusador. Sim, enquanto Deus se compraz no seu justo fiel, Satanás questiona tanta fidelidade por parte de um servo até então preservado da dor e do infortúnio. Seguem, daí, duas grandes séries de catástrofes, como um teste para a fidelidade e submissão de Jó a Deus: na 1.^a, a perda de todos os inumeráveis bens, as propriedades, os animais, os escravos e os filhos; na 2.^a, a perda da saúde. O argumento de Satanás é: *Pele por pele! Para salvar a vida, o homem dá tudo o que possui (Jó 2, 4)*, ao que Deus propõe que seja ferido na carne, sem que, contudo, lhe seja tirada a vida.

E é assim que um inocente cai vítima de uma provação, de um teste cujo sentido lhe escapa, cuja razão lhe foge. Por isso Jó teima em protestar inocência, pede a morte, mas esta lhe é negada, pois é cláusula de um contrato que desconhece. Três amigos vêm de longe para consolá-lo e, no entanto, essa presença exacerba ainda mais seu sofrimento, porquanto eles o acusam de ter cometido algum pecado oculto, que inflamou a ira de Deus, sendo, por isso, merecedor de castigo. Um quarto amigo vem se juntar aos outros no final da sessão discursiva, mas nem esse toma a defesa de Jó e sim defende a honra de Deus e seus insondáveis desígnios.

E quando essa tensão chega ao auge, quando todas as posições foram definidas e defendidas e não resta mais nenhum argumento humano de acusação e defesa, é que, de um turbilhão, ou redemoinho, ou tempestade, ressoa a voz divina, trovejando a sua glória. Podemos pensar: enfim, o Criador veio em auxílio de sua criatura, veio em defesa de seu justo servidor, inocente... qual nada!

Deus toma a palavra para fazer calar a todos, a começar do próprio Jó, e o faz apelando para o único argumento que lhe é inerente pela obra da criação e que não foi posto em cheque nos diálogos entre os amigos: o seu poder. Jack Miles¹⁴ salienta que

¹⁴ Deus: uma biografia. *op. cit.* p. 456.

poucos discursos em toda a literatura podem ser mais adequadamente chamados de esmagadores do que os discursos do Senhor a Jó de dentro do redemoinho (Jó 38-41). Mas aí reside toda a sua dificuldade. O Senhor não se refere a absolutamente nada de si mesmo exceto o seu poder (...). O Senhor apresenta-se com devastador sarcasmo e arrogante bravata como uma força amoral e irresistível. Porém Jó nunca questionou o poder do Senhor. É de sua justiça que deseja que preste contas.

A conclusão a que esse autor chega é a de que a *escandalosa verdade que o Livro de Jó evidencia, não é: “O Senhor só faz bem”; é, sim: “O Senhor faz bem e faz mal”¹⁵ e os desdobramentos disso, de alcance terrível e inimaginável é que, seja como Deus, seja como o Senhor, a divindade tem dentro dela um demônio submerso, uma serpente, um monstro do caos, uma deusa dragão da destruição. O autor de Jó externaliza esse conflito interno apresentando Deus como presa de tentação por um demônio real, Satã, que é mais claramente independente de Deus no Livro de Jó do que a Sabedoria é independente dele no Livro dos Provérbios.¹⁶*

Ora, com isso parece que, como se diz, o “feitiço se virou contra o feitiçeiro”. Com efeito, em nenhum outro momento do livro de Jó se volta a falar na aposta entre Deus e satã. Este último não é mais mencionado e Deus nem se dá ao trabalho de explicar para seu fiel servidor Jó e a seus amigos detratores a verdadeira causa de seu padecimento.

Jack Miles toca aí numa questão difícil: o problema do bem e do mal em Deus. Tradicionalmente, Deus é mostrado como o benevolente criador, o misericordioso mantenedor e o justo administrador da vida. Ele é o sumo Bem. O mal seria sua negação, ou uma reação de rebeldia e revolta contra ele. Conjuguar, portanto, esses dois atributos numa mesma pessoa, no caso, uma Pessoa divina, que detém ainda os atributos de onipotência, onisciência e eternidade, eleva a questão a alturas astronômicas.

Com efeito, essa clara distinção não era conhecida no judaísmo antigo e a figura de um adversário radicalmente oposto a Deus, a quem caberia o domínio das regiões do mal, ainda não estava estabelecida. Pode-se perceber tal afirmativa no próprio prólogo do livro de Jó. Lá, Satanás se infiltra na

¹⁵ *idem, ibidem*

¹⁶ *idem*, p. 345.

assembléia dos Filhos de Deus, tradicionalmente identificados como anjos, e se mostra perante Deus. Este, vendo-o ali o interroga: *Donde vens?*, ao que Satanás responde: *Venho de dar uma volta pela terra, andando a esmo.* A nota da Bíblia de Jerusalém a propósito do nome “Satanás” esclarece:

Precedido pelo artigo (como em Zc 3, 1-2), o termo não é ainda um nome próprio, e só o será em 1 Cr 21, 1. Segundo a etimologia hebraica, ele designa “o adversário” (cf. 2 Sm 19, 23; 1 Rs 5,18; 11, 14. 23.25), ou “o acusador” (Sl 109, 6), mas aqui o seu papel é antes o de um espião. É um personagem equívoco, distinto dos filhos de Deus, cético em relação ao homem, desejoso de encontrar nele alguma culpa, capaz de desencadear sobre ele toda espécie de desgraças e até de arrastá-lo ao mal (cf. igualmente 1 Cr 21, 1). Se ele não é deliberadamente hostil a Deus, duvida do êxito de sua obra na criação do homem. Para além do Satanás cínico, de ironia fria e malévola, delineia-se a imagem de um ser pessimista, que hostiliza o homem por ter motivos para invejá-lo. O texto, porém, não insiste nas razões de sua atitude. Por tudo isto, ele será assimilado a outras representações ou figuras do espírito do mal, em particular da serpente de Gn 3, com as quais acabará por identificar-se (cf. Sb 2, 24; Ap 12, 9; 20, 2), para encarnar o poder diabólico (cf. Lc 10,18).

Quis transcrever na íntegra esta longa nota, a fim de que guardemos as características desse ser para, ao examinarmos, nas MPBC, verificar se lá encontraremos alguma descrição que se lhe aproxime. Todavia, o que a nota não esclarece é a origem da extensão de toda a ação de satã sobre o homem, não mencionando que, se essa criatura tem algum poder sobre a humanidade, isso lhe foi concedido pela onipotência divina, ou seja, é, de alguma forma, uma permissão divina, como o foi no caso de Jó. Outro ponto não abordado é o de, na narrativa do prólogo, o desafio, ou melhor, a provocação ter partido de Deus: diante da resposta de satã de que vinha de dar uma volta pela terra, andando a esmo, é Deus quem lhe pergunta: *Reparaste no meu servo Jó?* e, sabedor do caráter invejoso do outro, acrescenta: *Na terra não há outro igual: é homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal.*

Creio não ser nenhuma injustiça, por isso, imputar apenas a Deus a causa de todo o drama vivido a partir daí por Jó. Se a intenção do autor daquele livro foi a de salvaguardar a bondade de Deus e sua soberania, no entanto, essa passagem deixa entrever uma outra face da divindade, aquele aspecto apontado por Miles acima. Ao nos defrontarmos, porém, com tal possibilidade, abre-se diante de

nossos pés um tenebroso abismo e somos lançados, ou às profundezas dos infernos, ou lá nas trevas primordiais anteriores à primeira criação divina, a luz.

Quando o ser humano se vê assim esmagado não lhe restam, por certo, muitas alternativas; talvez apenas três: o desespero, que normalmente leva à loucura ou ao suicídio; a rendição incondicional, num grande ato de fé; ou uma atitude intermediária, a da ironia, no sentido daquilo que restaura ou aquilo que mantém um equilíbrio¹⁷.

Jó, como protótipo desse ser humano, experimentou as 3 vias, em momentos distintos. Durante sua controvérsia com os visitantes, diante das intermináveis recriminações destes, acaba por assumir um tom irônico e mesmo de sarcasmo em relação à cegueira de sua sabedoria, que se reduz meramente a reproduzir os lugares-comuns das crenças antigas, notadamente a da retribuição, segundo a qual os bons são premiados e os maus castigados. Jó adota também uma postura irônica frente a Deus e seu silêncio, como lemos nos capítulos 23 e 24, por exemplo:

*Também hoje minha queixa é uma revolta,
por que sua mão agrava meus gemidos.
Oxalá soubesse como encontrá-lo,
como chegar à sua morada.
Exporia diante dele a minha causa,
com minha boca cheia de argumentos.
Gostaria de saber com que palavras iria responder-me
e ouvir o que teria para me dizer.
Usaria ele de violência ao pleitear comigo?
não, bastaria que me desse atenção.
Ele reconheceria em seu adversário um homem reto,
e eu faria triunfar minha causa para sempre.*

(Jó 23, 2-7)

E acrescenta:

*Mas se for ao oriente, não está ali;
ao ocidente, não o encontro.
Se o procuro ao norte não o vejo,*

¹⁷ MUELCKE, D.C. Ironia e o irônico. São Paulo, Editora Perspectiva, 1995, p. 42.

e se me volto para o sul, não o descubro (23, 8-9),
contradizendo abertamente o Salmo 139, que diz:

*Para onde ir, longe do teu sopro?
Para onde fugir, longe da tua presença?
Se subo aos céus, tu lá estás;
Se me deito no Xeol, aí te encontro.
Se tomo as asas da alvorada
para habitar nos limites do mar,
mesmo lá é tua mão que me conduz,
e tua mão direita me sustenta.*

E Jó não se limita a isso; conclui, no versículo 10:

*Mas, já que ele conhece o meu proceder,
que me ponha à prova, dela sairei como ouro
acrisolado.*

Assim Jó se agarra a essa tábua de salvação, pretendendo escapar de sua sorte. Mas quando Deus enfim se manifestar, ficará clara tal ilusão – Jó perceberá quão inútil é afrontar a Deus, o Todo-Poderoso, e será reduzido ao mais completo silêncio.

Como bem observa Frye, *Jó pode defender-se contra a acusação de ter feito algo que torne sua catástrofe moralmente inteligível; mas o êxito de sua defesa torna-a moralmente ininteligível.*

Assim, o incongruente e o inevitável, que se combinam na tragédia, separam-se nos pólos opostos da ironia. Num pólo está a inevitável ironia da vida humana. O que acontece, digamos, ao herói do Processo de Kafka não é o resultado do que ele tenha feito, mas o fim do que ele é, um ser “demasiado humano”. O arquétipo do inevitavelmente irônico é Adão, natureza humana sob sentença de morte. No outro pólo está a incongruente ironia da vida humana, na qual todas as tentativas para transferir a culpa a uma vítima dão a essa vítima algo da dignidade da inocência. O arquétipo do incongruentemente irônico é Cristo, a vítima inocente de todo excluída da sociedade humana. A meio caminho entre os dois fica a figura básica da tragédia, que é humana, e contudo de uma dimensão heróica, que amiúde encerra em si a sugestão de divindade. Seu arquétipo é Prometeu, o titã imortal rejeitado pelos deuses por favorecer os homens. O Livro de Jó não é uma tragédia do tipo da de Prometeu, mas uma ironia trágica na qual a dialética da natureza divina e humana se

*consuma. Justificando-se como uma vítima de Deus, Jó tenta fazer-se uma figura prometéica, mas não consegue.*¹⁸

Sim, para nós que conhecemos a aposta originária entre Deus e satã, Jó se afigura uma criatura patética, uma pobre borboleta preta...

Desse quadro montado segue-se que *o ironista puro ou arquetípico é Deus – “Aquele que mora nos céus se ri: O Senhor os coloca em ridículo” (Salmo 2:4). Ele é o ironista par excellence, por que é onisciente, onipotente, transcendente, absoluto, infinito e livre. A vítima arquetípica da ironia é, per contra, o homem, considerado pego em armadilha e submerso no tempo e na matéria, cego contingente, limitado e sem liberdade – confiantemente inconsciente de que é este o seu dilema.*¹⁹

Com efeito, qual é finalmente a resposta de Deus ao minúsculo sofredor que o argúi? Do seio da tempestade irrompe a voz que lança em rosto a pergunta:

Quem é esse que obscurece meus desígnios

com palavras sem sentido? – apenas a primeira de

uma série de questionamentos:

Onde estavas, quando lancei os fundamentos da terra?

Dize-mo, se é que sabes tanto.

Quem lhe fixou as dimensões? – se o sabes -,

ou quem estendeu sobre ela a régua? e assim, numa

torrente de afirmação de seu poder! (Jó 38). Jó perde o fôlego e a fala, não há nem sinal de sua respiração... Não contente, o Senhor emenda:

Sabes quando parem as camurças?

ou assististes ao parto das corças? e segue uma lista

de animais saídos das mãos criadoras de Deus (Jó 39).

E essa mesma Mão que criou tudo desce agora implacavelmente sobre Jó, a ponto de esmagá-lo com os dedos:

O adversário de Shaddai cederá?

O censor de Deus irá responder? De servo fiel e

modelo de virtude, Jó passa a ser visto como adversário (satã) e censor, isto é, um inimigo.

¹⁸ *Anatomia da crítica. op. cit., p. 48.*

¹⁹ *Muecke, op. cit., p. 68.*

Ao que Jó respondeu:

*Eis que falei levianamente: que poderei responder-te?
Porei minha mão sobre a boca:
falei uma vez, não replicarei;
duas vezes, nada mais acrescentarei.*

(Jó 40, 2-5)

Diante dessa confissão de pequenez, até o mais cioso dos poderosos se contentaria e daria por encerrado o embate. Não, porém, o Senhor. Novamente, do meio da tempestade, desafia seu contendor:

*Cinge teus rins como um herói:
vou interrogar-te, e tu me responderás.
Atreves-te a anular meu julgamento,
ou a condenar-me, para ficares justificado?
Se tens um braço como o de Deus
e podes trovejar com voz semelhante à sua,
reveste-te de glória e majestade,
cobre-te de fausto e esplendor.
Derrama o ardor de tua ira
e, com um simples olhar, abate o arrogante.
Humilha com o olhar o soberbo
e esmaga no chão os ímpios;
enterra-os todos juntos no pó
e amarra-os cada qual na prisão.
Então também te louvarei,
porque podes com tua direita garantir-te a salvação (Jó
40, 7-14).*

Ora, Deus bem sabe que isso é impossível! O mesmo Deus que açulou a inveja de satã, elogiando as virtudes de Jó, tornando-o, por isso, objeto de disputa, agora pede-lhe que O iguale em glória! Tem razão, portanto, Jack Miles ao dizer o que disse, como já o referimos, sobre haver poucos discursos em toda a literatura tão esmagadores como este e, como diz, se fossem musicados, nada, a não ser a *Sagração da primavera*, de Igor Stravinsky, chegaria perto de seu poder avassalador²⁰.

²⁰ Deus: uma biografia, p. 353

A partir deste ponto, o Senhor evoca dois outros seres de sua criação até então não mencionados: Beemot e Leviatã.

De acordo com as notas de rodapé da Bíblia de Jerusalém, Beemot

é o plural de uma palavra que significa “animal”, “gado”. Esta forma pode designar o animal ou a besta por excelência, não importando, pois, qual seja o monstro. De fato, Beemot foi muitas vezes identificado com o elefante, ou com um búfalo mítico mencionado pelos textos de Ugarit. Representa aqui o hipopótamo, símbolo da força bruta, que Deus domina mas que o homem não consegue domesticar. Quanto ao Leviatã, este nome designa propriamente um monstro do caos primitivo, que se pensava viver permanentemente no mar. Aplica-se aqui ao crocodilo. Mas o animal visível – que simboliza o Egito (em Ez 39, 3s; 32, 2s) – continua a evocar neste passo a lembrança do monstro vencido nas origens por lahweh (cf. 7, 12+), sendo o tipo das potências hostis a Deus.

Seguem-se, então, em Jó 40, 15-24, a descrição do Beemot, e em 40, 25-32 e todo o capítulo 41, a do Leviatã. É a última palavra do Senhor, o arremate de sua argumentação. Quanto ao 1.º animal, o que mais nos interessa no presente estudo, é descrito como “obra-prima de Deus”. O Senhor inicia assim a sua peroração:

“Vê o Beemot que eu criei igual a ti!”

Ora, o que tem a ver o hipopótamo com o homem, coroa da criação? Essa frase soa, portanto, um tanto estranha na boca do Senhor. Querirá isto dizer que não há superioridade do homem sobre a fera? Que aquele não passa, como esta, de um bruto e cuja força deve ser dominada?

Mas não nos esqueçamos de que nos encontramos no âmbito da poesia, lançados num espaço e tempo arquetípicos. Com efeito, as descrições do Beemot e do Leviatã não correspondem exatamente às que observamos no hipopótamo e no crocodilo. Desde quando a curta cauda do hipopótamo se ergue como um cedro (Jó 40, 17)? E o que dizer do crocodilo *cujos espirros relampejam faíscas,*

“e seus olhos são como arrebóis da aurora.

*De suas fauces irrompem tochas acesas
e saltam centelhas de fogo.*

*De suas narinas jorra fumaça,
como de caldeira acesa e fervente.
Seu hálito queima como brasas,
e suas fauces lançam chamas” (41, 10-13)?*

Logicamente que não estamos diante de meros animais. O próprio vocábulo “beemot” ou “behemot” é problemático. Segundo alguns estudiosos, seria uma suposta hebraização da palavra egípcia *piimw*, significando “boi aquático”, correspondente, portanto ao termo hipopótamo²¹. Essa hipótese também é compartilhada por Renan, em pleno século XIX, na sua tradução para o francês do livro de Jó, acompanhado de um estudo sobre a idade e o caráter do poema.²² De fato, tal animal era encontrado antigamente no Baixo Egito e bastante presente em murais, juntamente com o crocodilo. Nessas representações aparecia como deusa-hipopótamo, chamada Tuéris ou Taueret, a deusa da fertilidade, protetora das mulheres grávidas e dos nascimentos, mas também do renascimento no Reino dos Mortos, o Duad. Segundo os egípcios, quando ela afundava seu enorme corpo nas águas do Nilo, estas subiam de nível, provocando as famosas enchentes, tão importantes para o Egito, pois dependia delas para que as margens do rio se tornassem férteis e cultiváveis. Dessa maneira, Taueret era a responsável pela riqueza e abundância das colheitas.

Em contrapartida, outros estudiosos, conforme a nota da Bíblia de Jerusalém faz menção, explicam o termo como plural feminino do vocábulo hebraico “behemah”, que significa fera, besta, ou simplesmente, animal.²³ Seja como for, como hipopótamo ou outro animal qualquer, ele remete a um mundo para além das categorias espaço-temporais corriqueiras. Abro aqui um pequeno parêntese para fazer um jogo lingüístico, para temperar ainda mais a questão – havia em tempos remotos pré-judaicos um deus da morte chamado *Mot*. Não deixa de ser interessante que o vocábulo hebraico *behemot* tenha essa terminação – fecho parêntese.

²¹ LEVEQUE, Jean. *Jó – o livro e a mensagem*. São Paulo, Paulinas, 1987 (col. cadernos bíblicos, 42).

²² RENAN, Ernest. *Le Livre de Job*. Paris, Calmann-Lévy Éditeurs, s.d. A nota de Renan sobre o vocábulo “béhémoth” é seguinte: *Forme hébraïsée du nom égyptien de l'hippopotame (Péhémout). La plupart des traits qui suivent conviennent en effet à cet animal; mais, dans la description, l'auteur laisse aller son imagination et semble faire le portrait d'un monstre fantastique, comme le Martichore, la Cocatrice du moyen âge, etc.* (pp. 180-182).

²³ MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Paulinas, 1983, 2.^a ed.;

VV.AA. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. Co-edição: São Leopoldo, Editora Sinodal, Petrópolis, Vozes, 1988.

Northrop Frye, na *Anatomia da Crítica*, já aponta esse horizonte: *No Livro de Jó, a revelação de Deus a Jó consiste largamente em descrições do leviatã e de um primo de terra, levemente menos sinistro, chamado “behemoth”. Esses monstros, assim, representam aparentemente a ordem caída da natureza, sobre a qual Satã tem algum poder* (p. 188). Esse aspecto é amplamente desenvolvido na sua outra obra *O Código dos códigos*, onde aprofunda magistralmente as imagens demoníacas relacionadas àqueles dois animais, especialmente no capítulo 7, Mito II, Narrativa (pp. 206 a 236).

Há aqui densos materiais que mereceriam ser tratados com um fôlego renovado para exame mais aprofundado, porém, nos estenderíamos demasiado, adiando as aproximações com as *Memórias Póstumas*. Retornemos, por isso, ao objeto deste estudo. O veículo que introduz Brás Cubas na contemplação do acerbo espetáculo da vida é precisamente o hipopótamo, um animal exótico, desconhecido de nossa fauna – na função de um verdadeiro psicopombo. Já pude descrever sumariamente como, também para mim, esse estranho animal acabou por levar a uma grande e inesperada viagem, não tão longe, como no caso do nosso autor, a explorar as origens de todas as coisas, mas ao menos para explorar um única coisa: a origem daquelas memórias póstumas...

O hipopótamo, animal desajeitado e desgracioso, de peso grosseiro, não é domesticável e, conseqüentemente, não pode ser usado como montaria. Porém, no delírio, não só está domesticado, servindo de cavalgadura para Brás Cubas, como também possui atributos humanos como a fala e o conhecimento histórico. Sua função, na narrativa, é levar o nosso herói até à origem dos séculos.

Importa, neste momento, não esquecer que o delírio é a antecâmara da morte de Brás Cubas, falando cronologicamente, não em termos da própria narrativa, com inversão dos tempos, e, como tal, é uma espécie de coroamento de sua vida. Brás descortina, então, o seu mundo interior, a sua visão do fenômeno da vida e o espetáculo da morte, ainda que o tempo todo se justifique dizendo serem cogitações de cérebro enfermo, obra de transtorno cerebral e que tais. O diálogo com Natureza ou Pandora será o meio pelo qual esse quadro aparecerá a nossos olhos.

Antes, para introduzir aquele encontro numinoso, trago a opinião de um autor como Gondin da Fonseca que, apesar da linha de pensamento que seguiu na sua obra *Machado de Assis e o hipopótamo*, reconhece, também ele, a influência bíblica do contexto:

A linha inconsciente do pensamento do autor, em toda esta passagem do delírio de Brás Cubas, filia-se à Bíblia. Associações de idéias conduziram-no ao “Cântico dos Cânticos”. Fala em Balaão, em Abraão, no Éden, e evoca até a última ceia de Jesus Cristo ao escrever: “provarás o pão da dor e o vinho da miséria”. Pão e vinho foram as substâncias essenciais da Última Ceia. Mais adiante cita Job e rompe o desfile das civilizações do mundo com “os Hebreus do cativoiro”. Logo de início, quando o hipopótamo lhe diz que o transportará à origem dos séculos, vêm-lhe “umas tais ou quais cócegas de curiosidade por saber onde ficava o origem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo”. A reminiscência do Nilo provém do hipopótamo. Nessa cadeia de associações, parecia-nos que a figura normal a ocorrer à memória do autor para simbolizar a Mulher deveria ser Eva, a mãe bíblica do gênero humano. Não ocorreu, porém, Eva, mas Pandora (p. 193).

Mas, do que o crítico não se dá conta, inadvertidamente, é que os viajantes retrocederam a um tempo anterior ao Éden – à pergunta de Brás Cubas “onde estamos?”, o hipopótamo responde: “já passamos o Éden”; isto num itinerário que andava para trás. Ora, a Mulher jamais poderia, então, ser identificada com Eva, a mãe do gênero humano, pois ela ainda não havia sido criada.

O que interessa a Brás Cubas, talvez, não seja a primeira matriz da humanidade, mas quem criou essa matriz. Talvez o foco se centre em Deus. Tudo leva a pensar nisso. No entanto, um censor interno o teria impedido de figurar Deus naquele diálogo, devido a todas as implicações religiosas cristãs que poderiam daí decorrer por causa da imagem de um Deus ambíguo, bom-mau, perverso, indiferente à sorte de suas criaturas. Melhor recorrer a uma figura externa a essa tradição e uma divindade hindu, como a deusa Kali, por exemplo, caberia bem, apesar de seu exotismo para um ocidental. Assim, a figura de Pandora, oriunda do mundo helênico, não tão distante de nós, cumpre perfeitamente o papel.

Aí está, penso que Jó se atreveu mais neste ponto, aproximando as figuras do Senhor e de satã, ou do Senhor e as criaturas demoníacas leviatã e beemot. Jó interpela diretamente o Senhor, exige dele uma resposta e é, por

isso, confrontado com a manifestação de seu poder. Brás Cubas não chega a tanto – Deus não aparece em nenhum momento no seu relato – é apenas com essa criatura, Natureza ou Pandora, ambígua e enigmática, que ele se defronta. A questão é a mesma nas duas obras, mas a solução dada pelos seus diferentes autores diverge.

Por ora baste-nos isto. Adiante, no capítulo Penas e Tintas, tentarei analisar os matizes dessa Figura, com que cores é pintada e com quais traços, sua possível identificação com o satã de Jó, bem como uma leitura mais pormenorizada de todo o delírio “brascubano”.

Finalizando, já disse anteriormente que Jó é um protótipo da humanidade e que manifesta em si os vários estados ou atitudes perante o grande mistério da vida. No delírio, Brás Cubas se identifica com aquele Jó impaciente, atordoado pelo sofrimento, entediado com os dias vividos, confrontado com as grandes questões que afligem os seres humanos. Então grita, contorce-se, espanta-se, implora... por fim se ri, não de um riso sereno e pacífico, mas de sarcasmo, de ironia. É o momento da paixão. Momento de proclamar o “consumatum est”, o “tudo está consumado”, da entrega da fé, ou o momento de insistir no absurdo de todas as coisas que se fazem debaixo do sol.

Jó é um servo sofredor, esmagado pelo sofrimento, é alguém que foi submetido à prova, a um teste. Nem todos os homens passam por uma experiência semelhante de dor atroz, exemplo disso é o nosso Brás Cubas, cuja vida transcorreu de forma tranqüila e banal, com aventuras e desventuras perfeitamente comuns; alguns outros carregam dentro de si um aguilhão, que lhes espicaça a consciência, um outro verme que lhes rói o espírito. Um desses foi o Eclesiastes. O furacão de Jó botou abaixo as sólidas construções de nossas certezas; agora virá o sopro abrasador de Eclesiastes penetrar nossas juntas, a ponto de nos tirar o equilíbrio... Quem sobreviver, poderá contar também suas memórias...

O sopro oracular de Eclesiastes

Vaidade das vaidades – diz Coélet – vaidade das vaidades, tudo é vaidade. Assim se inicia o estranho e intrigante livro de Eclesiastes. Este refrão o percorre por inteiro e já entrou para o uso corrente das línguas do mundo todo, tão conhecido é. Ele não é citado nas MPBC, porém podemos sentir o seu efeito, como *um certo vento morno, não forte nem áspero, mas abafadiço, que nos não leva o chapéu da cabeça, nem redemoinha nas saias das mulheres, e todavia é ou parecer ser pior do que se fizesse uma e outra coisa, porque abate, afrouxa, e como que dissolve os espíritos* (XL).

Mas quem, afinal, o enuncia?

Lemos no versículo 1: *palavras de Coélet, filho de Davi, rei em Jerusalém.* Este filho de Davi, que foi rei em Jerusalém, é identificado ficcionalmente com Salomão, o sábio por excelência. Mas o termo “Coélet” (ou Qohelet, entre outras formas de transliterar o vocábulo hebraico) é um substantivo feminino que designa um ofício, uma função, derivado do verbo “qahal”, reunir, congregar. Sua tradução mais corrente é o “pregador”, o “orador”, “aquele que reúne a assembléia”. O nome Eclesiastes, derivado de “ekklesia” (assembléia, que também deu origem à palavra Igreja), é o equivalente em grego do vocábulo hebraico.

Vaidade. Esta tradução se tornou clássica ao longo da história e acabou dando um acento moral ao termo que, em hebraico, é riquíssimo de matices. “Habel” ou “hebel”, uma curta palavra de apenas 3 letras que aparece 38 vezes em Eclesiastes, num total de cerca de 70 vezes em todo o Antigo Testamento²⁴, significa, entre outras coisas, sopro, névoa, neblina, hálito, vapor, fumaça; isto é, tudo o que é fugaz, tênue, efêmero, sem consistência.

Uma vez aparece como nome próprio, Abel, no Gênesis. Abel, o segundo filho de Adão e Eva, o que foi morto pelo irmão Caim, carrega no próprio nome sua condição de brevidade da vida e sua sina: aquele que é fadado a

²⁴ RAVASI, Gianfranco. *Coélet*. São Paulo, Paulinas, 1993. [col. Pequeno comentário bíblico]

morrer. Talvez se Brás Cubas soubesse disso teria imaginado o velho colóquio entre Adão e Abel, em vez de Caim, posto que o futuro de seu rebento era ir-se do mesmo modo como anunciou sua vinda: em segredo, no silêncio e no anonimato.

Enfim, Abel resume em si o destino de todo ser humano, pois a única coisa que o homem sabe com certeza é que vai morrer, embora desconheça o dia e a hora. Como ser destinado à morte, Abel é a realização concreta e completa do que seu nome significa, ainda que o seu sangue continue a clamar por vingança até o fim dos tempos. Outros tantos solidários dessa mesma condição não têm a sorte de terem seus nomes registrados na história, muito menos quem reclame o preço de sua vida ou de sua morte – passam despercebidos, sem deixar vestígios, como a esteira espumante deixada no mar por um navio, logo desfeita... *habel*... como aquela – uma leve ruga – que Brás Cubas contemplou em sua viagem para a Europa, quando da morte da mulher do capitão do navio (cap. XIX)...

Vaidade das vaidades (ou sopro de sopros, névoa de névoas, vazio de vazios) é uma construção bastante comum em hebraico, normalmente para significar um superlativo: Cântico dos Cânticos, o mais belo cântico de Salomão; Santo dos Santos, o Santíssimo; e assim por diante. O que é, no entanto, o superlativo da vaidade, da vacuidade, do vazio? Talvez as nossas gramáticas devessem criar uma nova categoria: o “inferlativo”. Sim. “Super” dá a idéia do “mais”, do “maior”, da “superação”. O “inferlativo” seria o “menos”, o “menor”, o esvaziamento... uma descensão em níveis microscópicos até os limites atômicos – moléculas de vazio, ou partículas de nada... a exemplo do que Brás Cubas descreve no capítulo CXXIX, a respeito de remorsos.

Tudo é vaidade. Tudo é vão. Mesmo as sentenças que seguem em cortejo, saídas da boca do Sábio. Mesmo as demais palavras proferidas no intervalo entre o 1.º e o último refrão – *Vaidade das vaidades* – diz Coélet – *tudo é vaidade* (Eclesiastes 12, 8), com o qual termina o seu discurso. Mas a amplitude dessa vaidade se restringe ao âmbito de tudo o que se faz debaixo do céu, a todas as obras que se fazem debaixo do sol (Eclesiastes 1, 13-14). Não entram em discussão aqui as realidades existentes acima do sol, isto é, o mundo espiritual, uma vontade soberana de Deus, a sobrevivência após a morte, a esperança escatológica e demais especulações

da teologia. Como escreve Ravasi, *ele não se contenta com a contemplação de um fragmento da natureza ou com uma data da história; o seu horizonte é o do cosmo inteiro e o do arco da história humana, abraçando tudo o que está “debaixo do sol”. Acima do sol, porém, ele não se atreve; o grande ausente desse gigantesco afresco é o Criador.*²⁵ Da mesma forma, como já referimos, Deus é o grande ausente das *Memórias Póstumas* e Brás Cubas, apesar de escrever do outro lado da vida, não oferece nenhuma informação de como é aquela realidade, ocupando-se somente em narrar suas desventuras debaixo do sol, de quando estava entre os vivos.

O biblista Gianfranco Ravasi resume as ocorrências do termo “ vaidade”, colocando entre parênteses o número dos capítulos e versículos onde podem ser encontradas:

Há antes de tudo uma caducidade estrutural do homem (6, 12; 11, 8; cf. 7, 15; 9, 9; 3, 19; 1, 14; 2, 17); a vida humana tem fugacidade que a reduz a fumo; “minha” (7, 15), a “tua” (9, 9), a “sua” vida (6, 12) é condimentada pelo sabor ácido do nada e do vazio. Um destino de decomposição iguala animais e homens (3, 19), a meta implacável é a do bátrio (2, 19.21.23; 4, 7.8; 6, 2; 8, 10.14), e isso é mal cruel (6, 2; 2, 21). Mas o vazio rói também todo o agir do homem (1, 14; 2, 11.17.19.21.23; 4, 4.8.16; 5, 9; 6, 2): numa série de passagens, hebel está unido a ‘amal, “fatigar” (4, 7-8; 8, 14), ou a yitrôn, “ganho” (2, 11), justamente para mostrar a absoluta inconsistência dos resultados conseguidos. É como uma inexorável ladainha que liquida toda ilusão: tudo o que se faz sob o sol é hebel (2, 17), tudo o que se pode e se deveria fazer é hebel (1, 14), tudo o que o próprio Coélet fez é hebel (2, 11); o prazer é hebel (2, 1), a sabedoria é hebel (2, 15), o dinheiro é hebel (5, 9), o trabalho é hebel (2, 21), as palavras sábias e o riso estúpido são hebel (7, 6), a inveja é hebel (4, 4) como o são o sonhar e o ser realista (6, 9); a justiça e a injustiça são hebel (8, 10.14), hebel é até a felicidade da juventude (11, 8.10)...²⁶

Até mesmo a única conclusão que poderíamos achar positiva no Orador, *observei que a sabedoria é mais proveitosa do que a insensatez, assim como a luz é mais que as trevas (2, 13), eis que desemboca no mesmo: O sábio tem os olhos abertos, o insensato caminha nas trevas. Porém compreendi que ambos terão a mesma sorte (2, 14); não há lembrança durável do sábio e nem do insensato,*

²⁵ RAVASI, Gianfranco. *op. cit.*, p. 57.

²⁶ *idem*, p. 19.

pois nos anos vindouros tudo será esquecido: o sábio morre com o insensato (2, 16). Tudo isso é vaidade e correr atrás do vento.

Então o Sábio nos coloca frente a frente com o mistério do tempo, nesta bela seqüência que vale a pena transcrever. Neste trabalho, eu mudei a disposição gráfica dos versículos na tradução portuguesa comum, a fim de que se ajustasse à configuração dos originais hebraicos. Fiz isso para ficar evidente algo que me ocorreu quando relia o Eclesiastes acompanhado do texto em hebraico. De repente meus olhos se fixaram, não nas palavras, e sim no espaço entre elas e pude, então, enxergar ali a consubstanciação do grande ensinamento do Sábio: tudo é um imenso vazio!

Tudo tem a sua ocasião própria, e há tempo para todo propósito debaixo do céu. 2	
Há tempo de nascer,	e tempo de morrer;
tempo de plantar,	e tempo de arrancar o que se plantou;
3 tempo de matar,	e tempo de curar;
tempo de derribar,	e tempo de edificar;
4 tempo de chorar,	e tempo de rir;
tempo de prantear,	e tempo de dançar;
5 tempo de espalhar pedras,	e tempo de ajuntar pedras;
tempo de abraçar,	e tempo de abster-se de abraçar;
6 tempo de buscar,	e tempo de perder;
tempo de guardar,	e tempo de deitar fora;
7 tempo de rasgar,	e tempo de coser;
tempo de estar calado,	e tempo de falar;
8 tempo de amar,	e tempo de odiar;
tempo de guerra,	e tempo de paz.

9 Que proveito tem o trabalhador naquilo em que trabalha? 10 Tenho visto o trabalho penoso que Deus deu aos filhos dos homens para nele se exercitarem.

Ravasi explica:

página de força extraordinária na pobreza dos termos usados e na rudeza do mais rígido paralelismo, que, lentamente, sufoca a respiração do homem: 14 pares de "polarismos", isto é, de extremos destinados a representar, cada um, pequena totalidade, de modo a não deixar aberta nenhuma saída de segurança. Para a mística das cifras, cara ao Oriente, um resultado de 28 elementos, que podem ser

decompostos em duas totalidades simbólicas, o 7 da plenitude do ser o 4 dos pontos cardeais, plenitude do espaço. Ou, se quisermos, “totalidade de 7, polaridade de 2” (p. 105).

Também, segundo comentários de sábios judeus da Idade Média, a contagem total de 28 tempos remeteria aos 28 dias do mês lunar, significando um ciclo completo das 4 fases daquele satélite. Como o calendário judaico, que marca as festas e solenidades, é lunar, pode-se concluir que os 28 tempos marcados representam uma condensação de ciclos maiores, como os anuais, e assim sucessivamente em círculos excêntricos cada vez maiores...

O estudioso italiano traduziu assim o 1.º versículo do capítulo 3 de Eclesiastes, no seu comentário bíblico:

*Tudo tem sua estação,
todo evento tem seu tempo
sob o céu (p.102).*

E esclarece:

A “estação” e o “tempo” que balizam o agir humano são expressos por Coélet com dois termos “temporais” precisos; por isso, a nossa tradução é aproximativa. Zeman, termo aramaizante de origem persa, é o momento da duração, a estação, a época, a hora no sentido mais amplo do termo (a hora em que vivemos); é o aspecto mais “cronológico” do tempo, tanto que a versão grega traduz corretamente por chronos. Diferente é o ‘et, a ocasião favorável, o tempo oportuno, o instante decisivo a aproveitar, em grego, kairós. Naturalmente o acento recai sobre esse último, tanto é verdade que Coélet o usa por bem 40 vezes em seu livro. O “recipiente” cronológico (zeman) tem tempos (et) diferentes, isto é, atos concretos (p. 106).

Em outras palavras, em hebraico, há duas palavras para significar o Tempo/tempo: *zman* e *êt*. *Zman* seria o Tempo, e *êt*, poderia ser traduzido também como momento, hora. Assim, há o momento de nascer e o momento de morrer, isto é, um tempo delimitado, circunscrito, definido, pontual. A existência seria, então, uma sucessão de instantes, de fatos, de ações surgidas no Tempo, e entre um momento e outro, uma ação e outra, há o vazio, o grande vazio (hebel). O grande refrão de Qohelet ressoa também aqui, visualmente: *havel havalim, ha qol havel*: vazio dos vazios, tudo é vazio; ou sopro dos sopros, tudo é sopro; vaidade das vaidades, tudo é vaidade!...

Por sua vez, a configuração gráfica mostra exatamente isso: enunciados e espaço; um dado e o vazio, um grande vazio no meio. Não encontrei, em nenhum dos comentadores do texto bíblico, uma referência ao peculiar arranjo gráfico do mencionado capítulo de Eclesiastes e me pergunto como isso poderia ter-lhes passado despercebido. Assim, entre o nascer o morrer, os momentos inaugural e final da existência, há o vazio; e entre cada momento particular, cada determinada ação, novos vazios, ou o mesmo vazio constantemente atualizado.

Vejo aí, também a figura de uma grande boca aberta: a boca do tempo que se esvai, insaciável, sempre engolindo a vida dos seres... A boca tem a ver, pois, com o instinto de sobrevivência, tanto a física, quanto o desejo mais íntimo e interno de sobreviver à própria morte (que é também uma boca insaciável). Além disso, a boca é símbolo de vários dos chamados 7 pecados capitais, mormente a gula (em suas mais diversas acepções) e a avareza. Esta última é bastante presente nas Memórias e mereceria uma dedicação mais detida sobre os seus aspectos e significados dentro da obra.

Boca que devora, digere, mas também boca que se abre para falar, dizer, expressar, devolver o digerido em forma de sabedoria, de experiência, de narrativa, de relato, de memória... E também confissões (bastante presentes no romance, com a “necessidade de dizer tudo”, “de nada calar”...).

Enfim, uma imensa boca aberta, uma garganta, seja para devorar tudo, consumir todas as coisas, seja para anunciar a sabedoria, emitir as sentenças, congregar, reunir, pregar. Essa é uma imagem bem apropriada também, pois encontramos em diversos momentos, nos 12 capítulos de Eclesiastes, a advertência para o comer, o beber, o alegrar-se; bem assim as conclusões a que o sábio chegou após examinar todas as obras debaixo do sol... A boca tira e a boca dá, num constante movimento cíclico, tanto o que entra quanto o que sai dela se transformam em alimento e em vida. Ainda que toda palavra, como diz o Sábio, *seja enfadonha e ninguém é capaz de explicá-la*, ou, como traduz Ravasi, *todas as palavras estão gastas*,

e o homem não pode mais usá-las (p.56). Mais adiante encontramos um paralelo com o livro de Jó, quando o Sábio conclui:

Quanto aos homens penso assim: Deus os põe à prova para mostrar-lhes que são animais. Pois a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o homem não leva vantagem sobre o animal, porque tudo é vaidade.

*Tudo caminha para um mesmo lugar:
tudo vem do pó
e tudo volta ao pó (Eclesiastes 3, 18-20).*

Depois de ter igualado o néscio e o sábio num mesmo destino, Eclesiastes agora iguala os homens e os animais. E como sua ciência se circunscreve apenas ao que acontece sob o céu, como já ficou dito, não há certeza de que a alma do homem tenha um destino melhor do que a do animal:

Quem sabe se o alento do homem sobe para alto e se o alento do animal desce para baixo, para a terra?

Observo que não há felicidade para o homem a não ser alegrar-se com suas obras: essa é a sua porção; pois quem lhe mostrará o que vai acontecer depois dele? (3, 21-22).

Esta é uma nota que Eclesiastes sempre repete e ela fica ressoando o tempo todo em nossos ouvidos e, depois de ter reafirmado no final do capítulo 8 a ignorância do ser humano quanto a tudo que se faz mesmo debaixo do sol, ele considera o destino de todas as coisas no capítulo 9:

*O homem não conhece o amor nem o ódio,
diante dele ambos são vaidade.*

*Assim, todos têm um mesmo destino,
tanto o justo como o ímpio,*

o bom como o mau,

o puro como o impuro,

o que sacrifica como o que não sacrifica;

o bom é como o pecador,

o que jura é como o que evita o juramento.

Este é o mal que existe em tudo o que se faz debaixo do sol: o mesmo destino cabe a todos. O coração dos homens está cheio de maldade; enquanto vivem, seu coração está cheio de tolice, e seu fim é junto aos mortos.

Ainda há esperança para quem está ligado a todos os vivos e um cão vivo vale mais do que um leão morto (Pandora aprovaria isso!).

Os vivos sabem ao menos que irão morrer; os mortos, porém, não sabem, e nem terão recompensa (Quincas Borba concordaria com isto!), por que sua memória cairá no esquecimento (a menos que o defunto a escreva do além-túmulo). Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, e eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol (que o diga Lobo Neves!...) (Eclesiastes 9, 1-6).

Para encerrar este quadro desolador, Eclesiastes tange sua lira dissonante para desfazer quaisquer veleidades humanas que porventura restem acerca do livre-arbítrio, de uma pretensa superioridade sobre os demais seres:

*Observei outra coisa debaixo do sol:
a corrida não depende dos mais ligeiros,
nem a batalha dos heróis,
o pão não depende dos sábios,
nem a riqueza dos inteligentes,
nem o favor das pessoas cultas,
pois oportunidade e chance (Ravasi traduz acaso e
ocasião, p. 208) acontecem a eles todos.
Com efeito, o homem não conhece o seu tempo.
como peixes presos na rede traiçoeira,
como pássaros presos na armadilha,
assim também os filhos dos homens se enredam no
tempo da desgraça,
quando ela cai de surpresa sobre eles (9, 11-12).*

Como não recordar aqui o que Brás Cubas diz da causa da sua morte? No capítulo V narra: *Senão quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei.* E termina concluindo: *Vinha a corrente de ar que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens,* ecoando o adágio antigo “sic transit gloria mundi” (assim passa a glória do mundo). Um simples golpe de ar fez desmoronar todo o castelo de sonhos e conjecturas que o levariam à glória e à fama...

Assim como tantos outros “acazos”, a moeda de ouro (cap. LI), o embrulho misterioso (LII), o encontro com o amigo Quincas Borba (LIX), a nomeação de Lobo Neves para o dia 13 (LXXXIII) e mesmo a revolução dálmata, que lhe tirou uma pedra do sapato (CI), a febre amarela que lhe arrebatou Eulália, que tinha

de ser sua mulher (CXXVI), sem falar no aparecimento de Lobo Neves, que lhe arrebatou a noiva (XLIII) e na utilidade relativa da existência de Dona Plácida (CXLIV).

Como recorda Ravasi,

o homem está preso nas redes do acaso, debate-se, perturba-se, revolta-se, mas é sempre impotente. Ele ignora até “a sua hora” (v. 12), isto é, o momento decisivo para as escolhas fundamentais (3, 1ss), mas também para a “hora fatal”, a do mal, da dor e da morte. Os pontos decisivos da existência não estão em suas mãos (p. 220).

O que resta então ao ser humano no meio desta situação sem saída? Em vários momentos de seu discurso Coélet lembra:

Eis que a felicidade do homem é comer e beber (2, 24);

que o homem coma e beba, desfrutando do produto de todo o seu trabalho (3, 13);

Eis o que observo: a felicidade que convém ao homem é comer e beber (5, 17);

E eu exalto a alegria, pois não existe felicidade para o homem debaixo do sol, a não ser o comer, o beber e o alegrar-se (8, 15);

Vai, come teu pão com alegria

e bebe gostosamente o teu vinho (9, 7).

No entanto, isso que poderia servir de alento diante de tanta opressão, no fundo também é efêmero e vazio, pois o Orador já havia recordado: como saiu do ventre materno, assim voltará, nu como veio (ecoando o que dissera Jó 1, 21): *nada retirou do seu trabalho que possa levar nas mãos. Isso também é um mal doloroso: ele se vai embora assim como veio; e que proveito tirou de tanto trabalho? – Apenas vento (5, 14-15).* E também: *Todo trabalho do homem é para sua boca e, no entanto, seu apetite nunca está satisfeito (6, 7).*

Ravasi comenta:

Coélet termina com outra evocação da insaciabilidade humana (v. 7). A vida é círculo vicioso inexorável: todo o trabalho é destinado a saciar a fome, e, no entanto, a fome nunca pode ser saciada. A simbologia da boca e da garganta encerra em si toda a gama dos apetites humanos, físicos e psíquicos, e retoma o instinto de conservação que rege o ser humano, não obstante a insignificância do viver (p. 166).

E mesmo o conselho que Coélet dá no capítulo 9,9, repetindo Provérbios 5, 15 – *Desfruta a vida com a mulher amada* – está marcado com o que segue:

*em todos os dias da vida de vaidade que Deus te concede debaixo do sol,
todos os teus dias de vaidade,
porque esta é a tua porção na vida
e no trabalho com que te afadigas debaixo do sol.*

Lemos em Ravasi:

Sobre esta cena terna, na qual o homem “encontra prazer com a mulher da sua juventude” (Pr 5, 18), estende-se, porém, o véu opaco da realidade, que Coélet jamais esquece, nem nos momentos de distensão (sic), de prazer e de ilusão. Todo o versículo é entremeado de vocábulos coeléticos: “vida vazia, sob o sol, dias vazios, fadiga suportada sob o sol”. O prazer numa boa refeição, numa festa solene, em um pouco de elegância, num ato sexual é apenas um oásis no deserto da vida. Logo aparece o nevoeiro do hebel, do vazio, que se infiltra em todas as obras humanas. E, principalmente, a gélida mão da morte se ramifica por tudo o que o homem faz com sua atividade e sua energia (p. 217).

Mas, pior do que isto, é que aqueles relacionamentos humanos mais naturais e domésticos se encontram envenenados e contaminados por um travo de fel:

*E descobri que a mulher é mais amarga do que a morte,
pois ela é uma armadilha,
seu coração é uma rede e seus braços, cadeias.
Quem agrada a Deus dela escapa,
mas o pecador a ela se prende (Eclesiastes 7, 26).*

E conclui de uma maneira contundente:

*Entre mil encontrei apenas um homem,
porém, entre todas as mulheres,
não encontrei uma sequer (7, 28).*

Quanto a tal conclusão, o nosso comentador explica:

Porque o v. 28 afirma que entre mil pessoas é possível encontrar um verdadeiro homem, que entre mil criaturas humanas é possível encontrar um amigo, e que entre todas as mulheres é impossível encontrar uma esposa a amar e com a qual alegrar-se. É hipérbole que varre do mundo de Coélet a

presença da mulher, tornando-o sempre mais estranho a essa humanidade que se alegra e se ilude (pp. 195 e 196).

E no meio dessa névoa que se forma à noite e se dissipa pela manhã, Coélet insere reflexões curtas, aforismos, formando uma verdadeira seleção ou coleção de provérbios de cunho popular e sapiencial, com meditações sobre a sensatez/insensatez das empresas humanas, dos quais extraímos algumas amostras:

Palavras calmas de sábios são mais ouvidas do que gritos de quem comanda insensatos.

Mais vale sabedoria do que armas,

mas um só pecado anula muita coisa boa (9, 17-18);

Mosca morta estraga o perfume do perfumista, um pouco de insensatez conta mais que sabedoria e glória (10, 1);

Quem cava um buraco, nele cairá,

quem escava um muro, uma cobra o morderá (10,8);

Se a cobra morde por falta de encantamento, de que vale o encantador? (10, 11);

Por mãos preguiçosas o teto desaba,

por braços frouxos goteja na casa (10, 18).

E um último, que relembra as pegas de Sintra:

Nem em pensamento amaldiçoes o rei,

não amaldiçoes o rico, mesmo em teu quarto,

pois um pássaro do céu poderia levar a voz,

e um ser alado contaria o que disseste (10, 20).

Coélet entronca-se assim, na grande corrente sapiencial do Antigo Testamento, representada principalmente pelos livros de Provérbios e de Eclesiástico ou Sirácida, e dos povos do Oriente.

Ele dá vazão às luzes do senso-comum, à sabedoria popular, centrada nas experiências concretas do cotidiano. São máximas formuladas ao longo do tempo, trazendo conselhos e reflexões morais sobre diversos aspectos da vida em sociedade, não fórmulas vazias de sentido e conteúdo, fruto de ociosidade ou pedantismo, como o são, ao menos aparentemente, as máximas escritas por Brás Cubas, *bocejos de enfado*, no capítulo CXIX – *Parêntesis* – das *Memórias Póstumas*. Deixo aqui registrada essa similitude de um capítulo de provérbios inserido no meio da trama, aparentemente sem qualquer razão, como o encontramos em Eclesiastes. Como

Brás Cubas não teceu maiores comentários naquela ocasião, limitando-se a transcrever suas “pérolas” de sabedoria cheias de enfado e vazias de conteúdo, também minhas considerações ficam por aqui.

Enfim, e para o alento derradeiro do sopro arrasador de Eclesiastes, o 12.º capítulo, que bem poderia receber também o título de “das negativas”:

*Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade,
antes que venham os dias da desgraça,
e cheguem os anos dos quais dirás: “Não tenho mais
prazer”.*

*Antes que se escureçam o sol e a luz,
a lua e as estrelas,
e que voltem as nuvens depois da chuva;
no dia em que os guardas da casa tremem
e os homens fortes se curvam,
em que as mulheres, uma a uma, param de moer,
e cai a escuridão sobre as que olham pelas janelas;
quando se fecha a porta da rua
e o barulho do moinho diminui,
quando se acorda com o canto do pássaro
e todas as canções emudecem;
quando se teme a altura
e se levam sustos pelo caminho
quando a amendoeira está em flor
e o gafanhoto torna-se pesado
e o tempero perde o sabor,
é porque o homem já está a caminho de sua morada
eterna,*

*e os que choram sua morte começam a rondar pela rua.
Antes que o fio de prata se rompa
e o copo de ouro se parta,
antes que o jarro se quebre na fonte
e a roldana rebente no poço,
antes que o pó volte à terra de onde veio
e o sopro volte a Deus que o concedeu.*

Vaidade das vaidades – diz Coélet – tudo é vaidade.

(12, 1-8)

Pois é, Brás Cubas trilhou esse caminho e se recorda: *Agora, quero morrer tranqüilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correio. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa* (capítulo I). Não sem antes experimentar o coração murcho, devastado pela vida e saciado dela (capítulo VI), o fastio e a saciedade, que foram o livro de seus amores com Virgília (LIII), de cuja montanha começaram a descer, a descer, com as mãos presas ou soltas (LXXXV) e a vida que descia pela escada abaixo (CXXXIV) aos 50 anos, cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de cama e de repouso, escorregando na ladeira fatal da melancolia (CXXXVII), até concluir que a vida era para ele a pior das fadigas, que é fadiga sem trabalho (CLVII)... numa palavra: um imenso vazio.

E essa sensação, parece, foi a que Brás levou para o outro lado da vida, de onde expede alguns magros capítulos da sua obra para este mundo, não sem antes acrescentar que sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade (LXXI). Nosso autor dá a entender que também a eternidade é enfadonha, pois ele não tem o que fazer ali. Ao escrever suas memórias, portanto, Brás Cubas, como se diz, “mata dois coelhos com uma só cajadada”: distrai-se um pouco da eternidade e proporciona ao leitor um escape à vida (CXXIV). E, além de tudo, ainda proporcionará inimagináveis delícias a uma bibliômano que encontrar o único exemplar restante de seu escrito (LXXII).

Não obstante tudo isso, como ensina o editor do epílogo do *Eclesiastes: fazer livros é um trabalho sem fim* (12,12).

Fim do discurso. Tudo foi ouvido. Assim termina o oráculo de Coélet (12, 13a) e assim atingimos o topo do nosso percurso. A nós nos resta agora a tarefa da descida. É quando precisamos de todo cuidado para não escorregar e resvalar em algumas pedras soltas pelo caminho. E se as houver, é chegado o tempo de recolhê-las, como disse Coélet 3, 5.

Capítulo 5 –

Penas e tintas

Brás Cubas é um autor que se preocupa com seu estilo e em diversos momentos de sua obra comenta ou justifica esta ou aquela forma de expressão. Já no prólogo, afirma que se trata de uma obra difusa. Não esclarece o que seja esse “difusa” e, pior, confunde de cara o leitor introduzindo aí uma suposição: a de ter metido algumas rabugens de pessimismo num escrito filiado à forma livre de Sterne ou de Xavier de Maistre, reconhecidos autores de caráter irônico e humorístico. A justificativa para isso é que as memórias são obra de finado. Pura e simples, sem maiores explicações. Em seguida confessa que escreveu com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.

Esta última frase merece uma especial atenção, porque resume, de uma certa maneira, o que o autor diz mais adiante: *a obra em si mesma é tudo*, isto é, a obra, na sua forma e conteúdo, diz tudo. Mas, vejamos, antes, se o autor nos ajuda na compreensão disto.

No capítulo IV, Brás acrescenta uma outra afirmação digna de nota: *importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado*. Com isso, Brás desenvolveu o que já tinha dito, quer dizer, referente à obra de finado, de um homem não mais preso às dimensões de temporalidade, de alguém que escapou a todas as demais convenções. O “status” de autor-defunto dá-lhe aqueles atributos que descreve no capítulo XXIV:

a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se

o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

Aí está. Creio que há aí vários elementos importantes para nossa compreensão do autor: a sua franqueza, e mesmo o seu desdém em vários momentos, a começar do prólogo, no trecho final: *A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus*; assim como a libertação das convenções sociais e de todos os jogos que regem a vida em sociedade, e a liberdade de expor-se, de confessar. Aliás, “confessar” é um verbo muito usado por Brás Cubas, que até poderíamos inclui-lo na corrente ilustrada por Santo Agostinho, Rousseau e outros. Restaria, porém, uma pergunta de difícil resposta: por que Brás Cubas quereria deixar registradas as confissões do que foi, do que fingiu e do que nunca conseguiu ser?

Quanto à pachorra, ela acaba por ser uma das causas das invectivas do autor a seu leitor: o livro anda devagar, com pachorra, displicência e o seu estilo é o dos ébrios; guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... (capítulo LXXI).

Obra supinamente filosófica. Não apenas mais uma obra filosófica, mas obra supinamente filosófica. Que filosofia é essa e o que ela traz? Suas características denotam que ela é produto das reflexões, uma “summa” – não “theologica”, mas “philosophica” – de alguém desafrontado da brevidade do século, ou seja, de alguém que viveu até o fim a sina da condição humana e o seu destino, que é passar pela morte. É desigual, como o ser humano o é, um compósito de lodo e sopro divino, de terra e de céu, de vida e de morte, por isso austera e brincalhona.

Mas o que é uma coisa que nem edifica nem destrói? não inflama nem regela? Isto está parecendo mais um daqueles enigmas, uma charada, um paradoxo, típico de um koan zen-budista. Ou seria mais um despropósito do autor,

como aquele supostamente existente no capítulo LXXI (o senão do livro) e apontado no subsequente?

Contudo, ela é mais do que um passatempo, de quem não tem o que fazer a não ser expedir alguns magros capítulos para este mundo, distraíndo-se um pouco da eternidade; e menos do que apostolado, de algum fanático proselitista, de falsos messias ou fundadores de religiões e doutrinas.

Na verdade, as 3 características se fundem numa só: o que não edifica nem destrói, isto é, não constrói uma nova sabedoria, uma nova ciência, uma nova doutrina, também não demole as que estão aí; não inflama nem regela o espírito, instalando o ardor e o entusiasmo da alegria ou a frieza e obscuridade da pura melancolia, que possam levar a uma ação, tanto de ociosidade quanto de operosidade infundada. Poderíamos resumir chamando-a filosofia do não-esforço, da não-fadiga, pois o que esses alcançam é apenas sopro, névoa, ilusão, vaidade – como disse o Eclesiastes.

Assim, poderíamos chamá-la também de filosofia coelética, que contém, aliás, traços aparentados com o “shunyata” budista ou o “wu-wei” taoísta, que se inscrevem numa tradição de filosofia “negativa”, ensejando mesmo uma teologia apofática. Em outras palavras, uma filosofia do tudo-é- vaidade-sob-o-sol, ou filosofia da- vacuidade-da-vida.

De repente, podemos até arriscar responder aquela pergunta que ficou no ar, logo acima, sobre uma possível intenção de nosso autor ao formular suas confissões e sua filosofia. Ela seria o divino emplasto anti-hipocondríaco, que libertaria a humanidade da melancolia que a aflige. Como ele não conseguiu ultimar aquela outra invenção, pois o acaso determinara o contrário, agora, do outro lado do mistério, expede o remédio que pode equilibrar os humores, os trabalhos, as fadigas, as ânsias, enfim, o emplasto-filosófico.

E como se consubstancia essa filosofia de Brás Cubas? Pelas suas reflexões, contemplações, teorias, expostas ao longo da narrativa. Já na juventude, confessa Brás: *afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares* (XI). Assim ficamos

conhecendo a questão que deu origem às elaborações filosóficas do autor – a injustiça humana. É precisamente neste ponto que vejo a aproximação mais consistente com o Jó bíblico, pois a grande questão que aparece naquele livro é sobre a justiça, principalmente a justiça divina, evidenciada no destino dos inocentes. Assim, a contemplação da injustiça humana, aliada à *hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil*, que começou a desabotoar nele após a morte da mãe (XXV), são as fontes da filosofia “brascubana”. Até então o nosso incipiente filósofo era um fiel compêndio de trivialidade e presunção e jamais o problema da vida e da morte lhe oprimira o cérebro; nunca até esse dia se debruçara sobre o abismo do Inexplicável (XXIV). A morte de uma pessoa amada, que lhe aparecia como um exemplo da fragilidade das coisas, das afeições, da família (XXVI), proporcionou-lhe o essencial para a formulação de sua filosofia.

A flor da hipocondria, contudo, foi muita vez suplantada, recolhendo-se ao botão, por uma outra flor menos amarela, e nada mórbida – o amor da nomeada (XXVIII). Todavia, aquela primeira flor é a que foi a inspiradora do emplasto salvador, ou, melhor dizendo, de sua substituta: a filosofia anti-hipocondríaca da voluptuosidade do nada.

Vejamos, finalmente, algumas de suas formulações: uma das suas características mais marcantes é a forma peculiar de pensar o tempo e o espaço, duas das categorias mais fundamentais de qualquer filosofia. Assim, o poder de *restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade (!) dos nossos afetos é que nos faz senhores da terra*. A partir desse ponto, corrige Pascal, dizendo que o homem não é um caniço pensante e, sim, uma errata pensante, concluindo que *cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes* (XXVII), o mesmo verme a quem Brás Cubas dedica suas memórias e talvez também lhas entregue de graça para que cumpra seu destino que é roer infinitamente. Trata-se da “teoria das edições humanas”, já anunciada no capítulo VI, definida acima e demonstrada no capítulo XXXVIII. O que se depreende do capítulo VI, do encontro das edições tardias de Brás Cubas e de Virgília, é que, apesar de o homem ser senhor da terra pelo seu poder de recordar e restaurar o passado, a realidade sempre acaba

dominando, por fim, e o presente expelle o passado. Ambos são, porém, apenas ilusões!...

A propósito de botas (XXXVI) e das mortificações que a vida nos causa, infere, concisamente, que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre, pontificando, por fim, conforme já apontado, a modo de Jesus Cristo: em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas, caracterizando um nivelamento a modo coelético de toda a sapiência dos homens, ou verdadeiro cinismo, aquele mesmo refutado pelo autor, no capítulo XXXIV, diante de uma possível admiração de leitor agastado de alma sensível.

Compõem também a doutrina as metafísicas descritas nos capítulos XLI e XLII, sobre os padecimentos internos dissimulados externamente (“a dor que se dissimula dói mais”) e a solidariedade do aborrecimento humano, que une os indivíduos de nossa espécie. Juntem-se a isso as meditações sobre pontos obscuros de filosofia, como, por exemplo, a que traz *a única, verdadeira e definitiva explicação para o destino do nariz*, cuja conclusão é a de que essa sublimação do ser pela ponta do nariz, com o fim de ver a luz celeste, é o fenômeno mais excelso do espírito e é universal, constituindo o equilíbrio das sociedades, pois subordina a espécie ao indivíduo e, juntamente com o amor, é uma das duas forças capitais que regem a vida dos seres humanos.

A moral, como não poderia faltar, também integra esse *corpus* doutrinário e aí encontramos a “lei da equivalência das janelas” (LI), lei sublime, cujo imperativo categórico é *ventilai as consciências!*, lei de compensação moral, cujo maior exemplo concreto é dado pelo próprio autor que, ao mesmo tempo em que se apossa de Virgília, esposa de Lobo Neves, como sua amante, devolve uma moeda casualmente encontrada na rua e ainda acrescenta um novo desequilíbrio de compensação/descompensação ao conservar consigo um embrulho contendo mais de 5 contos, achado também em condições semelhantes e que termina servindo para apaziguar a consciência de Brás e a de Dona Plácida, cúmplice de seus amores ilícitos. A explicação dessa lei se dá pela compensação de uma janela interna fechada por uma

outra aberta, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência, como aconteceu no capítulo CV.

Fazem parte, ainda, a opinião como boa solda das instituições domésticas (CXIII), a filosofia das folhas verdes (CXVI), o que acrescenta uma página ao Humanitismo (CXXI), a teoria do benefício (CXLIX), a filosofia dos epitáfios (CLI), e o grande sistema filosófico do Humanitismo que, se não é criação de Brás Cubas, forneceu-lhe, no entanto, matéria para reflexão e um exemplo cabal da vacuidade de todo engenho humano ao tentar abarcar a realidade e a totalidade das coisas. O Humanitismo aglutina em si todo o espírito inventivo e inquieto que caracterizou o século XIX, pois ambiciona edificar um monumento que abarque a ciência, a filosofia e a religião. Acaba, por fim, apresentando-se como uma paródia de tantos movimentos surgidos naquele período histórico, tais como o Positivismo, o Darwinismo, o Espiritismo e quejandos, todos preconizando o fluxo contínuo do progresso, tanto técnico como civilizatório, a erradicação definitiva das superstições e estupidez humanas e o estabelecimento de novos parâmetros éticos, morais e estéticos de comportamento individual e coletivo.

O próprio contraste entre as formulações daquela “filosofia da miséria”, como lhe chamou seu próprio criador (LIX), e a pessoa deste, é a encarnação mesma do contínuo jogo entre o sério e o cômico e todas as demais dualidades daí derivadas (lucidez/sandice; razão/demência; riqueza/miséria; sabedoria/estultície).

O fim patético do “filósofo” Quincas Borba e, antes, a evolução grotesca de sua doutrina e de seu comportamento, parecem traduzir em imagem a condensação do que repete incessantemente o Eclesiastes: *vaidade das vaidades, tudo é vaidade!* e a afirmação de que a obra foi escrita com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. Assim, a descrição do Humanitismo seria um exemplar perfeito do que tinha sido anunciado no “prólogo ao leitor”. Um outro exemplar completo e paradigmático para mim é, sem dúvida, o capítulo VII, o delírio. Como bem diz Brás Cubas no capítulo CLX, das negativas: *entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro*. Assim, o delírio, cronologicamente, deu-se após o passamento do filósofo e, podemos imaginar,

carregou no seu bojo tudo aquilo que o Humanitismo chegou a proporcionar, a somar, em termos de conclusões filosóficas ao nosso autor.

Dito isto, passo agora a compartilhar a minha leitura pessoal daquele famoso episódio.

Começo apontado para a feliz “coincidência” de este capítulo ser o sétimo das *Memórias póstumas*, pois o número 7 sempre foi considerado um número simbólico e rico de significados, entre os quais 7 = totalidade, pois 3 + 4, onde 3 = divindade (triângulo) e 4 = materialidade (quadrado). Na Bíblia, ele aparece em várias oportunidades, mas vou apontar aqui apenas duas: no Gênesis, a criação foi realizada em 6 dias e no 7.º, Yahweh descansou; Ele se afasta da obra criada para contemplá-la. No Novo Testamento, no 7.º dia, Jesus Cristo (Deus) está no sepulcro!, significando morte/suspensão da natureza, expectativa – “Deus está morto!”, como diria mais tarde Nietzsche. Jesus desce aos infernos (Hades)! Deus não é encontrado!

Com vimos, em todo o delírio, Deus é o Grande Ausente..., mas no 8.º dia desponta nova luz/nova vida; a luz que expulsa as trevas, semelhantemente ao que podemos ler no capítulo VIII – Razão contra Sandice, no qual a razão (luz) enxota a sandice (trevas) para fora de Brás e ele recobra, então, o domínio de seus pensamentos, sensações, em outras palavras, de sua própria vida.

O delírio fica sendo, por isso, uma pausa na narrativa, a entrada num mundo arquetípico, no qual reina outro espaço e outro tempo. É também um relato de algo interior, um fenômeno interno, mas de forma cômica e séria, isto é, o desenvolvimento do que foi apresentado no prólogo da obra: “a pena da galhofa e a tinta da melancolia”. A pena dá o movimento, o traçado, ou seja, o estilo; a tinta marca o papel, permanece, descreve, assim, registra e veicula o conteúdo. O estilo de Brás é, então, galhofeiro, irônico, mas o conteúdo é sério, trágico. Podemos ver o núcleo trágico (a viagem, o encontro com Pandora, os diálogos, a visão do desfile dos séculos...) envolvido por uma moldura cômica (o barbeiro chinês, a Summa Theologica, o hipopótamo que fala, como numa fábula, e, fechando o capítulo, revela-se como o gato Sultão brincando com uma bola de papel). Aliás, com relação ao paquiderme, ele já não aparece como o monstro primordial da criação, como potência do mal e do mundo subterrâneo; no fim, ele se mostra apenas como um dócil animal doméstico, um

gato, a brincar. A ironia ameniza, pois, o drama descrito e, num certo sentido, o domestica.

Outro ponto que merece destaque: o delírio aconteceu no final da vida do narrador, coroando-a e enunciando a “visão” final da existência (trágica, sem sentido...), porém o relato aparece no começo da narrativa, da obra. Quebra, com isso, a seqüência temporal, e quebra o impacto da “decepção” radical do não-sentido da vida humana... isto é a máxima ironia. O narrador joga com o tempo/os tempos da narrativa, re-elabora o que foi vivido, amenizando o trágico e a desilusão. Mas, mesmo em delírio, mantém-se uma certa consciência: o narrador pensa, raciocina, tira conclusões e, ao voltar, lembra-se de todo o ocorrido.

Essa marca do tempo aparece logo no primeiro período do relato: *que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá*. Num relance, encontramos os três grandes momentos do ciclo temporal: o passado, “ninguém relatou”; o presente, “faço-o eu”; e o futuro, “a ciência mo agradecerá”. Ou seja, uma ação pretérita que tem suas conseqüências no presente, a partir da sua re-atualização pela memória e escrita, remetendo ao futuro.

Depois de subverter a dimensão do tempo, o delírio subverte a do espaço. E assim adentramos num campo particular, atípico. Ao ler a descrição da paisagem, destino da viagem sobre o hipopótamo, vem-me à mente a Divina Comédia de Dante²⁷, com o seu passeio pelas camadas inferiores do Inferno. Comparemos as duas:

Como ia de olhos fechados, não via o caminho lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. (...) A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incômodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. (...) Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. Talvez, a espaços, me parecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera-se que a vida das coisas ficara estúpida diante do homem.

²⁷ ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. (tradução de Hernani Donato). São Paulo, Abril Cultural, 1979.

Já, no Canto XXXII, Inferno, 16, lemos:

Diante de mim, e sob meus pés, divisei lago coberto de gelo, tão plano que de vidro pareceria a muitos; no Canto XXXIII, 100: Embora o extremo frio houvesse tornado insensível o meu rosto, pareceu-me perceber aragem branda. Surpreso, perguntei: “Mestre, que produz tal vento, se não há aqui vapor de que ele se faça?” Respondeu: “Breve chegaremos a um ponto onde teus olhos darão resposta aos ouvidos, dando-te a conhecer como este vento é produzido.”; e no Canto XXXIV, 8: O vento que soprava abrigo me fez buscar junto do mestre, que outro amparo ali não existia,

e explica a origem dos ventos gelados: 28:

Sob cada face (de Lúcifer), duas asas vastas o quanto convém a um ser de tal modo volátil e mau. Velas assim grandes não vi jamais em nau de alto-mar. Não tinham penas, e mais lembravam pela forma as asas dos morcegos. Continuamente agitadas, produziam os três ventos gélidos que mantêm enregelado o Cocito.

No caso do delírio, a origem do vento que meneava as largas folhas das plantas brutescas não é esclarecida neste momento, muito embora, um pouco mais adiante, forme-se um tufão causado pela gargalhada de Natureza ou Pandora. Por ora, ficaremos ainda sem saber de onde vem e para onde vai esse vento...

Um ponto que sempre me intrigou é o fato de o centro do Inferno da Divina Comédia ser gelado, contrariamente ao que a tradição cristã sempre pintou daquele lugar de suplício e de fogo eterno. Dante, no caso, é tributário das tradições greco-romanas e acaba fazendo um amálgama dessas com as crenças cristãs, inserindo-se numa corrente dos mitos órficos, de visita ao mundo dos mortos e de encontro com seres preternaturais. Com relação a isso, Brás se encontra com um ser híbrido, Natureza ou Pandora, de proporções gigantescas. Vejo aqui também uma grande semelhança narrativa com a Divina Comédia – Inferno – Canto XXXIV, 16: *Eis Lúcifer! (...); 28: O imperador do reino doloroso erguia o peito para fora da geleira. Eu, com minha estatura, mais próximo estou de um gigante do que um gigante comparado com o braço, apenas, de Lúcifer. Imagina, pois, leitor, quão grande será Lúcifer se calculado pelo tamanho de seus braços. (...) Qual não foi minha estupefação ao aperceber-me de que de três faces era a sua cabeça, etc.*

Prosseguindo, ao descrever aquele seu encontro numinoso, Brás diz que é arrebatado: *Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabelos e levantou-me ao ar, como se fora uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme.* Essa particularidade me leva a duas passagens bíblicas de diferentes autores. A primeira delas, do livro do profeta Ezequiel (8,2-3): *Olhei, e eis alguma coisa que tinha a aparência de um homem. Do que pareciam ser os seus lombos e daí para baixo era fogo; a partir dos lombos e daí para cima, algo que parecia um brilho semelhante ao electro. Ele estendeu o que parecia ser a forma de mão e me segurou por um tufo de cabelo. O espírito me levantou entre o céu e a terra e me trouxe a Jerusalém, em uma visão de Deus...* O segundo, o profeta Daniel (14, 36), narra como o profeta Habacuc estava na Judéia e foi arrebatado até Babilônia, para levar uma refeição a Daniel, aprisionado na cova dos leões famintos: *Mas o anjo do Senhor, segurando-o pelo alto da cabeça, transportou-o pela cabeleira até Babilônia, à beira da cova, na impetuosidade do seu espírito.*

Ainda um pequeno comentário: não é apenas a descrição da paisagem, do seu contexto mitológico e da figura do (da) gigante que faz a aproximação das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* com a Divina Comédia – é, ainda, a presença de uma outra personagem, no papel de guia, a fazer a ponte: Virgílio/Virgília. O poeta Virgílio foi o guia de Dante na sua jornada ao Inferno e ao Purgatório; no caso de Brás Cubas, o delírio – uma jornada ao mundo interior, ao subterrâneo de si mesmo - se deu em presença de seu antigo amor, Virgília...

Com relação à figura de Pandora, ela foi tirada, como é sabido, do antigo mito helênico, do qual há mais de uma versão. Pandora, cujo nome em grego significa “todos os dons” (de todo/todos (pan) + dons, presentes (dora)). O que aproxima a figura antiga da moderna é, além da bolsa ou caixa em que carrega os bens, ou males, o aspecto da curiosidade, motivo pelo qual a caixa foi aberta por Pandora e os dons escaparam, como também motivo que Brás Cubas invoca, junto ao leitor, para que este leia o capítulo, e que o levou a ele, autor, a se enveredar cada vez mais na própria alucinação. Isso vemos expresso nas frases *...por menos curioso que seja...; ...côcegas de curiosidade...; ...curiosidade de delírio...;...acerbo e curioso espetáculo...*

A ambigüidade do conteúdo da bolsa ou caixa também é similar, pois lemos nas Memórias: *levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens* (grifos meus). A maneira como foi construída essa frase enseja, pois, uma pergunta: a esperança é o maior dos bens ou o maior dos males? Parece ser, aqui, o maior dos males, pois a esperança ilude os homens, fazendo-os achar a Natureza boa e materna, quando ela é cruel e implacável (já que dá a vida e a aniquila), mesma conclusão a que chegou o “filósofo da morte de Deus”, Nietzsche, no seu livro *Humano demasiado humano*. A esperança (consolação dos homens) só cabe aos vivos; morto, Brás já não a tem, por isso, ao escrever depois da morte, o tom acre, “pessimista”, “niilista”...

No entanto, o sono é o maior dos benefícios de Pandora/Natureza, porque nele o homem está num intervalo (nem vida, nem morte), escapando, assim, da crueldade (vida) e do aniquilamento (morte), como Brás descreve no capítulo XIX: *...preferi dormir, que é um modo interino de morrer*; ou no capítulo XXXIII: *Mas o sonho, que é uma fresta do espírito...*

O diálogo revela, entre outras coisas: uma tensão, um embate entre: a “imaginação” (interior de Brás) X a realidade (exterior), inimiga, implacável: devorar e ser devorado, onça e novilho; uma tensão e um embate, em termos filosóficos e literários entre o Romantismo, que vê o ser humano como bom e a Natureza como amiga (Idealismo) X Realismo/Naturalismo, que vê o ser humano, a Natureza e a sociedade como fenômenos a serem estudados pelas ciências.

Também há uma dialética entre a ciência e a arte: a ciência aparece como um instrumento do narrador na descrição de seus fenômenos mentais (“o que se passou na minha cabeça”) e o leva a concluir que o delírio é um misto de reflexões de cérebro enfermo, de cogitações de enfermo, uma concepção de alienado, pois os olhos do delírio são outros e que esteve dominado por um transtorno cerebral. O aparato científico, outrossim, proporciona uma descoberta, uma teoria, uma hipótese – modernamente, um modelo de compreensão da realidade: a vida como fenômeno para ser analisado, explicado, teorizado.

Em contrapartida, a arte concebe a vida como espetáculo, para ser visto, apreciado, proporciona uma fruição estética: o espetáculo. Haveria,

ainda, um terceiro modo de concepção, o da fé, que traz esperança e consolo, mas essa via é descartada como um mal. Assim, Brás conclui:

1. que o espetáculo (vida, à luz da arte) proporcionado não tem razão, não tem propósito;
2. que o fenômeno (vida, à luz da ciência) analisado, segue a lei inexorável da natureza: nascer, lutar, morrer, extinguir-se; e
3. que a fé (esperança, consolo) não tem lugar, nem espaço. Deste modo, Fé, Esperança e Caridade, as três virtudes teologais, não têm função no mundo do delírio. Tê-la-ão no mundo real?

Em termos cristãos, Brás é cético: para ele não há espaço para Deus, nem para um sentido divino da História, como também não há um juízo e um julgamento, méritos, virtudes, recompensa, castigo; a própria vida já é o castigo e a morte o prêmio. Tudo o mais é uma tentativa de sobrevivência, cuja inexorabilidade trágica o ser humano ultrapassa por meio da ironia e do sarcasmo: “a vida não é tão trágica assim”, “a coisa é divertida”, mas cansa, enfada, enfastia. E o que segue:

A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativo, outras alegres como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: - 'Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará a decifração da eternidade.' E fixei os olhos, e continuei ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranqüilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do

desamparo. Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia...

Justapondo, num quadro paralelo, este longo discurso do narrador-autor, na sua contemplação da história da existência humana sobre a terra, debaixo do sol, à semelhança do que contemplou o Eclesiastes, encontramos um novo ponto de aproximação: Ravasi, no seu estudo retro-citado²⁸, menciona que o autor de Coélet privilegia os olhos e o sentido da visão, empregando 50 vezes em todo o livro o verbo “ver”, 20 das quais usado na 1.^a pessoa do singular “eu vi”. De minha parte, pude contar, apenas no capítulo aqui estudado, a ocorrência do verbo “ver” por 13 vezes; “olhar”, 3 vezes; contemplar, 2 vezes; “encarar”, 2 vezes; e “fitar”, 2 vezes, totalizando, portanto, 22 ocorrências de verbos de conotação visual!

O sentido da visão atinge, assim, a saciedade. Diante desse desfile implacável do tempo, Brás tem duas saídas: chorar, como choraria as folhas caídas do seu cipreste, ou rir-se, como rira ao contemplar o acerbo espetáculo da existência. Um e outro, no entanto, são a mesma coisa, como dirá o narrador de *Quincas Borba*, no seu derradeiro capítulo: *Eia! chora os dous recentes mortos (Rubião e Quincas Borba, cão), se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.*²⁹

Todavia, no fim, no auge dessa curiosidade em vislumbrar, em ver o último século, eis que um nevoeiro cobre tudo – o nevoeiro de Eclesiastes – *névoa de névoas, tudo é névoa – vaidade das vaidades, tudo é vaidade!*

Pena da galhofa, tinta da melancolia – este conúbio e seus contínuos desdobramentos, paralelismos, comparações, dualismos, polaridades, que estão presentes na narrativa toda, cria, gera um sentimento vago, uma sensação tênue da fragilidade das experiências humanas e de sua compreensão: o que é a realidade? o que é sonho? o que é delírio? Mais: o que é razão? o que é sandice? o que é ilusão? o que é a verdade? *Quid est veritas?* perguntou Pilatos a Jesus durante o seu julgamento

²⁸ *Coélet. op. cit.*

²⁹ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Edibolso, s.l., s.d.

(João 18, 38) – “o que é a verdade?”. Pergunta que permaneceu sem resposta e que ecoa a todo o instante nas *Memórias Póstumas*.

A mesma boca que formula tal pergunta pode, em resposta, fechar-se no silêncio, calando, ou se abrir, quer como discurso, num exercício de lucidez e razão, quer ainda como sorriso de ironia, sarcasmo, loucura ou filosófica indiferença.

Conclusão -

Acredito que seja muito difícil ler Jó e Eclesiastes e permanecer o mesmo interiormente, com a velha visão de mundo, com o antigo senso de justiça, bondade e valor das intenções, com a reconfortante crença de que tudo está certo, no lugar certo e de acordo com uma ordem pré-estabelecida e eterna...

O turbilhão de Jó e o sopro de Eclesiastes deixam tudo de pernas para o ar – uma espécie de retorno ao Caos primitivo.

Brás Cubas, o grande Brás Cubas, que suplantou Moisés, completou a obra do Criador, emendou Jesus Cristo, corrigiu Paulo, não poderia ficar atrás. Tinha ele que criar uma obra que impactasse, desestabilizasse, mobilizasse o leitor, o sacudisse de sua vida pacata e burguesa, da pachorra. Como aqueles dois livros destoam de todo o encadeamento escriturístico, destacando-se e desafiando o leitor, assim também as MPBC se desgarram da tradição romanesca e desafiam as classificações usuais.

Brás diz e torna a dizer que “a obra em si mesma é tudo” e é nela que se deve procurar a razão de sua atualidade e atração ao leitor... é deixando-se enveredar pelas contradições e malabarismos, atrair-se pelos despropósitos e provocações, ser alvo dos humores do autor, ser arrastado pelos turbilhões e tormentas, ou embalado por brisa escaldante...

Assim que, ao ler as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o leitor atento também não consegue ficar indiferente, se se deixar capturar pelos “problemas” da obra, começando pelo do autor.

Quanto a isso, o nosso autor é duplamente livre: pela própria condição de defunto, já desafrontado da brevidade dos séculos e, desse modo, concretamente liberto da continuidade das condições da vida, principalmente da “opinião”, o que lhe dá a graciosa franqueza dos mortos; e pela prerrogativa de, por se encontrar além das convenções de tempo e espaço, ter o domínio completo, a panorâmica inteira do ciclo de sua vida e de sua morte, dispondo de todos os elementos para compor sua narrativa.

Mas, neste ponto, podemos indagar se as “rabugens de pessimismo” de Brás Cubas são mesmo autênticas e sinceras, ou se são apenas capricho de finado, fingimento ou um modo de esconder seu verdadeiro espírito. A pena da galhofa, dando cabriolas e deixando seus rastros com a tinta da melancolia, e esta, por sua vez, arrastando pesadamente aquela, formam um conjunto tipicamente irônico, que pode confundir as direções e o sentido supostamente escondido, desviando o leitor da metafísica por detrás do estilo ébrio do autor.

O apelo à ironia torna-se, então, um elo poderoso que une as MPBC ao *Eclesiastes* na sua análise e desmascaramento da vaidade das intenções humanas. A fragilidade dos limites entre a sabedoria e a loucura – entre outras tantas dicotomias que temos visto ao longo de nosso percurso – é evidenciada de forma pungente e irremediável, sem, no entanto, formular-se um julgamento moral. A pretensa filiação de Brás Cubas à escola moralista limita-se, por isso, a simplesmente apontar as grandes contradições do ser humano e de suas ações no mundo. A metafísica aludida no período anterior deriva da contemplação do vazio, da vacuidade que leva ao nada. *Memórias Póstumas* se enquadra perfeitamente no “nada irônico”, da quietude da morte, na qual a ironia reaparece, não como fantasma, mas como seu próprio autor – o defunto Brás Cubas –, comunicando-se do além-túmulo. Brás Cubas não é um fantasma, uma visão, um espectro que assombra, mas um supervivo, como diria Gustavo Corção, que provoca o leitor e o desestabiliza.

Nessa comunicação, o uso do tempo, que nas memórias remeteria, a princípio, sempre ao passado (do autor e do seu vivido), acaba, contudo, devido às características tão peculiares de um defunto-autor, também apontando para um futuro – ao tentar projetar o número provável de leitores, ou responder a possíveis objeções provindas desses, ou, ainda, despistar críticos e bibliômanos. Como o irônico por excelência temos a Deus, exterior e superior ao tempo e, nesse aspecto, Brás Cubas se lhe aproxima, ao menos no primeiro aspecto, da exterioridade, pois, como defunto, sobrevive fora do tempo e o abarca de uma certa maneira. Cabe ao leitor de cada geração um novo posicionamento frente às provocações oferecidas por esses dois grandes interlocutores.

REFERÊNCIAS:

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995 (nova edição, revista).

ALTER, Robert & KERMODE, Frank (organizadores). **Guia literário da Bíblia** (tradução de Raul Fiker). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997 (Prismas).

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** São Paulo: Ática Editora, 2001.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba.** Edibolso, s.l., s.d.

AZEREDO, Carlos Magalhães de. **Memórias.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

BAPTISTA, Abel Barros. **A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. **Qohélet: o-que-sabe: Eclesiastes: poema sapiencial.** (colaboração de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, 2.^a edição.

CORÇÃO, Gustavo. **O desconcerto do mundo.** Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1965.

FONSECA, Gondin da. **Machado de Assis e o hipopótamo: biografia e análise.** São Paulo: Editora Fulgor, 1960.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica** (tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos). São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos – a Bíblia e a literatura** (tradução e notas de Flávio Aguiar). São Paulo: Boitempo, 2004.

KIERKEGAARD, Sören A. **O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis: Vozes, 1991.

KONINGS, Johan. **A Bíblia nas suas origens e hoje**. Petrópolis: Vozes, 1998, 2.^a edição corrigida.

LEVEQUE, Jean. **Jó: o livro e mensagem**. São Paulo: Paulinas, 1987 (cadernos bíblicos, 42)

MASSA, Jean-Michel. **La bibliothèque de Machado de Assis** in Revista do Livro (órgão do Instituto Nacional do Livro). Rio de Janeiro: ano VI, n.os 21-22, jan.-jun, 1961.

MCKENZIE, John. L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983, 2.^a edição.

MERQUIOR, José Guilherme. **Gênero e estilo nas Memórias Póstumas de Brás Cubas**. in: ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática Editora, 2001.

MILES, Jack. **Deus: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MUECKE, D.C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

RAVASI, Gianfranco. **Coélet**. (tradução de Benôni Lemos). São Paulo: Edições Paulinas, 1993 (Pequeno Comentário Bíblico).

RENAN, Ernest. **Le livre de Job** (traduit de l'Hebreu, avec une étude sur l'âge et le caractère du poème). Paris: Calmann-Lévy Éditeurs, s.d.

VV.AA. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português.** Co-edição: São Leopoldo, RS, Editora Sinodal e Petrópolis, RJ, Vozes, 1988.